



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em População e Desenvolvimento

Dissertação de Mestrado

**Relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências e ciências
sociais na UEM em 2017**

Estudante: Elsa Maria Muchanga

Supervisora: Doutora Margarida Paulo

Maputo, Outubro de 2022



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em População e Desenvolvimento

Dissertação de Mestrado

Relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências e ciências sociais na UEM em 2017

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Mestre em População e Desenvolvimento da Universidade Eduardo Mondlane

Estudante: Elsa Maria Muchanga

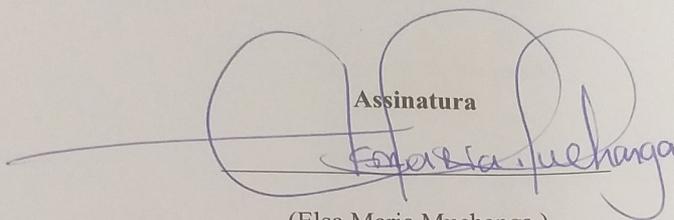
Supervisora: Doutora Margarida Paulo

Maputo, Outubro de 2022

Declaração de originalidade

Declaro que esta Dissertação é resultado da minha investigação pessoal, inspirada no estudo de Chichongue (2015), sob a orientação da minha supervisora. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia final. A presente dissertação nunca foi submetida ao Departamento de Geografia para a obtenção do grau de Mestre em População e Desenvolvimento da Universidade Eduardo Mondlane.

Assinatura

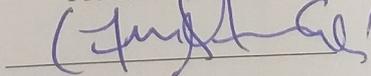


(Elsa Maria Muchanga)

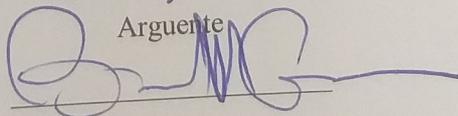
APROVAÇÃO DO JÚRI

Este trabalho foi aprovado com a classificação de _____, com a expressão numérica de _____ valores, no dia _____ de _____ de 2022, por nós, membros do júri examinador nomeado pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

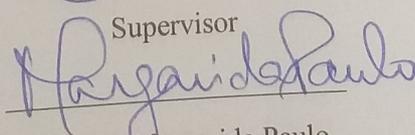
Presidente do Júri



Arguente



Supervisor



Doutora Margarida Paulo

ÍNDICE

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Lista de abreviaturas.....	v
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Contextualização.....	1
1.2. Problema da pesquisa.....	3
1.3. Objectivos da dissertação.....	5
1.3.1. Geral:.....	5
1.3.2. Específicos:.....	5
1.4. Relevância do estudo.....	5
1.5. Estrutura do trabalho.....	6
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	8
2.1. Definição de conceitos.....	8
2.1.1. Género.....	8
2.1.2. Relações de género.....	9
2.2. Relações de género nas escolhas profissionais no mundo.....	11
2.3. Relações de género nas escolhas profissionais na África Austral.....	16
2.4. Relações de género nas escolhas profissionais em Moçambique.....	18
2.5. Lacunas na literatura sobre relações de género na escolha profissional.....	20
3. ESTUDO DE CASO – Caracterização do local de estudo.....	23
3.1. Faculdade de Ciências.....	23
3.1.1. Estrutura da Faculdade de Ciências.....	23
3.2. Faculdade de Letras e Ciências Sociais.....	24
3.2.1. Estrutura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais.....	25

4. METODOLOGIA.....	27
4.1. Tipo de pesquisa.....	27
4.2. Método e técnicas de estudo.....	28
4.3. População e amostras.....	28
4.4. Técnicas de análise de dados.....	29
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
5.1. Perfil sociodemográfico dos estudantes dos cursos de ciências e ciências sociais na UEM....	30
5.2. Factores associados à escolha de curso.....	33
5.3. Influência de familiares na escolha do curso que os estudantes frequentam.....	38
5.4. Nível de satisfação em relação ao curso.....	43
5.5. Barreiras à frequência da rapariga nos cursos de ciências e ciências sociais.....	48
6. CONCLUSÕES.....	53
6.1. Recomendações.....	53
Referências bibliográficas.....	56
Apêndices.....	59
Apêndice 1: QUESTIONÁRIO.....	60

Declaração de honra

Declaro que esta Dissertação é resultado da minha investigação pessoal, inspirada no estudo de Chichongue (2015), sob a orientação da minha supervisora. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia final. A presente dissertação nunca foi submetida ao Departamento de Geografia para a obtenção do grau de Mestre em População e Desenvolvimento da Universidade Eduardo Mondlane.

Maputo, Outubro de 2022

Elsa Maria Muchanga

Dedicatória

Este trabalho é dedicado à família Ramos, especialmente, ao meu esposo, Ramos Armando Alice.

Agradecimentos

Agradecer a Deus pela vida e protecção.

À minha supervisora, Doutora Margarida Paulo, que tanto me motivou para que a esta fase chegasse, pelo esforço e dedicação que teve durante a supervisão desta dissertação. Nos primeiros dias, parecia-me muito chata e exigente quando às vezes nos encontrávamos nos corredores da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), e em alguns momentos me chamava à atenção no que concerne à pesquisa e dizia: “Elsa, se queres fazer a dissertação, tens que te empenhar.” Aí eu pensava: “Meu Deus, que tanta chamada de atenção! Será que consigo?” Ficava pensativa nas várias possibilidades de conseguir ou não. Mas hoje é uma realidade. A si, supervisora, vão os meus votos de muita confiança e agradecimentos.

A todos os docentes do Departamento de Geografia da FLCS da UEM, que contribuíram com o seu saber para a minha formação académica. Em especial, à Professora Inês Macamo Raimundo, que fez de tudo para que eu fosse admitida ao Mestrado em População e Desenvolvimento. Ainda me recordo quando a abordei no corredor da FLCS e partilhei o meu interesse em continuar com os estudos e ela aconselhou-me a submeter a minha candidatura.

Agradecer ao Ministério de Género e Acção Social, pelo acompanhamento que me foi dado na recolha de dados, em especial à Doutora Célia Moiane. Os meus agradecimentos vão igualmente para a Associação Mulher, Lei e Desenvolvimento (Muleide), através da Senhora Rafa Valente Machava pelo apoio incondicional.

Agradecer aos meus colegas da turma de MPD-edição 2019-2020, do Departamento de Geografia, em especial à Carlota, Célia, Rosa, Magesso e aos demais que juntos triunfámos. Aos colegas de turma de Mestrado em Sociologia do Quénia, em especial à Catherine, Ruben, Rubi, Calassinga, Musoi e aos docentes com os quais em algum momento partilhei o meu tema, e teceram comentários e me apoiaram.

A todos os estudantes e pessoas que contribuíram com as suas experiências para que esta dissertação acontecesse, numa fase em que enfrentávamos a pandemia da COVID-19. Agradeço, também, ao Milton Sengo, pelo apoio incondicional aquando da minha preparação do projecto.

Aos meus pais, Alfredo Muchanga e Laura Miambo (em memória). Aos meus irmãos, Alcides Muchanga (em memória), João Filipe Muchanga (em memória), Celestino Alfredo

Muchanga, Maria Amélia Muchanga, Amilcar Justino Muchanga e Alfredo Júnior Muchanga, pelo suporte espiritual e emocional. Os meus agradecimentos vão também para a família Raci.

Agradecer ao meu esposo, Ramos Armando Alice, pelo incentivo para continuar com os meus estudos. Recordo-me aquando da sua graduação em Mestrado. Num belo dia, sentados em família em casa, falou aos nossos filhos: “A mamã próximo ano volta à escola para fazer o Mestrado.” Ainda não era o momento oportuno para eu voltar, mas, pelo incentivo, achei melhor dar continuidade aos meus estudos e hoje sou o que sou graças ao bom companheirismo. Muito obrigada! Se no mundo houvesse mais maridos como você, teríamos muitas mulheres formadas e não discriminadas. Não há melhor coisa que se sentir motivada a continuar com os estudos. “*Mulher formada vale por dois*”. Por último, e não menos importante, agradecer aos meus filhos, Edna Viviana Ramos, Tirso de Elsa Ramos e Elves Armando Ramos, pelo apoio incondicional durante os meus estudos e durante as minhas ausências frequentes.

Finalmente, a todos/as que directa ou indirectamente contribuíram para o sucesso da minha formação.

Lista de abreviaturas

BM	Banco Mundial
CRM	Constituição da República de Moçambique
DAA	Departamento de Arqueologia e Antropologia
FLCS	Faculdade de Letras e Ciências Sociais
FC	Faculdade Ciências
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MINEDH	Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano
ODM	Objectivos de Desenvolvimento do Milénio
PARPA	Plano de Acção para Redução da Pobreza Absoluta
PNE	Política Nacional de Educação
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SADC	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
UA	União Africana
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UN-Habitat	Programa das Nações Unidas para Habitação
MULEIDE	Associação Mulher, Lei e Desenvolvimento
MGCAS	Ministério do Género, Criança e Acção Social

Resumo

Esta dissertação tem como objectivo analisar as relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências e ciências sociais na UEM, visto que nestes cursos há uma participação reduzida de mulheres. Sendo assim, para a recolha de dados, realizou-se um inquérito para obter dados quantitativos e entrevistas semiestruturadas para obter dados qualitativos. Os resultados do estudo mostraram que os estudantes inqueridos estão abaixo de trinta anos de idade, são solteiros e frequentam cursos no regime presencial. Os estudantes entrevistados frequentam a universidade pela primeira vez e consideram segura a escolha do curso. Estes pretendem fazer o curso escolhido para elevar o seu grau, apesar de que alguns optariam por um outro curso, se pudessem. A preferência do curso não está associada ao género, por isso não há curso fácil que se identifica com o sexo. Para os estudantes entrevistados, o curso de frequência garante prestígio, segurança, estabilidade e autonomia no emprego. As barreiras à frequência de cursos de ciências e ciências sociais por parte da rapariga não estão baseadas na influência das imagens apresentadas nos livros sobre as profissões nas classes iniciais e/ou na influência das brincadeiras de infância, mas devem-se ao facto de as mulheres apresentarem um possível fraco domínio nessa área e terem pouca representatividade feminina nas profissões de ciências e ciências sociais na escolha do curso. O estudo concluiu que as relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências e ciências sociais na UEM, em 2017, estão num estágio satisfatório, dado que as escolhas profissionais dos candidatos estavam associadas a relações de género.

Palavras-chave: Género, Relações de Género, Escolha Profissional, Maputo-Moçambique.

Abstract

This dissertation aims to analyze gender relations in the career choices of students applying for natural and social science courses at UEM, since there is a low participation of women in these courses. Thus, for data collection, a survey questionnaire was used to collect quantitative data and semi-structured interviews were used to collect qualitative data. The results of the study showed that the inquired students are below thirty years of age, single and attend courses in the face-to-face regime. The interviewed students are attending university for the first time and consider their choice of course as safe. They intend to attend the course of their choice to raise their degree, although some would have chosen another course, if they could. The course preference is not associated with gender, so there is no easy course that they identify with gender. For the students interviewed, the course of attendance guarantees prestige, security, stability and autonomy in employment. Barriers to girl's attendance in natural and social science courses are not based on the influence of images presented in the books about professions in the early grades and/or on the influence of childhood play, but are due to the fact that women display a possible weak ability in this area and have little female representation in the professions of natural and social sciences in the choice of the course. The study concluded that gender relations in the career choices of students applying for natural and social science courses at UEM in 2017 are at a satisfactory stage, as the applicants' career choices were associated with gender relations.

Key-words: Gender, Gender Relations, Professional Choice, Maputo-Mozambique.

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação, intitulada “Relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências e ciências sociais na UEM em 2017”, surge no âmbito do cumprimento parcial do trabalho de culminação de estudos do curso de Mestrado em População e Desenvolvimento na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), Departamento de Geografia. Nesta dissertação, assumiu-se a escolha de cursos como indicadora da futura escolha profissional dos candidatos.

Contextualização

Considerando a actual instabilidade do mercado de trabalho, escolher uma profissão ou curso profissional, mesmo que não seja para toda a vida, acarreta uma enorme responsabilidade para os sujeitos. A opção tomada pelos estudantes em relação à área profissional tem implicações que afectam as várias dimensões da vida do sujeito, por isso deve ser feita de forma consciente com o mínimo de constrangimentos pessoais e sociais. Para tal, os sujeitos devem ter plena consciência dos seus interesses e aptidões, dos aspectos que valorizam numa profissão, ao nível pessoal e social, assim como do tipo de barreiras que podem encontrar ao longo do percurso profissional.

Desta forma, o sujeito assume o papel de protagonista nas suas decisões de profissão, mas sem descorar os vários contextos de sua vida. Daqui advém a valorização das características de pro-actividade do sujeito, assim como o reconhecimento de dimensões afectivas e contextuais que se encontram presentes nas decisões vocacionais (LIMA et al., 2017).

As escolhas profissionais estão entre as decisões mais importantes que os sujeitos tomam ao longo do seu ciclo de vida, na medida em que estas influenciam significativamente as diferentes áreas do desenvolvimento pessoal, familiar e social.

Por sua vez, o desenvolvimento vocacional resulta de um conjunto de decisões que o sujeito toma ao longo das várias fases de vida, constituindo-se num processo evolutivo, contínuo e subjectivo, contribuindo assim para o que se designa de construção de carreira (BOLACHA, 2013).

No entanto, vários factores podem influir nas escolhas profissionais e, conseqüentemente, no desenvolvimento vocacional, como, por exemplo, as crenças e preconceitos em relação às profissões, dado que socialmente algumas são consideradas como sendo adequadas aos

homens e outras adequadas às mulheres, criando assim estereótipos em relação ao género e às profissões.

Em África, as profissões têm-se ajustado de acordo com as preferências de género. Contudo, esta tendência mostra-se através da educação e das tradições culturais assumidas pelos respectivos povos (RELATÓRIO DA ASDI, 2007). De acordo com este relatório, os indicadores de desenvolvimento humano mostram a existência de um fosso significativo entre os sexos em África em particular, e no mundo em geral. As desigualdades de género podem ser notáveis tanto a nível familiar assim como ao nível académico e profissional.

A Constituição da República de Moçambique, no seu artigo 57, pontos 1 e 3, respectivamente, advoga que,

O estado promove e apoia a emancipação da mulher e incentiva o seu papel crescente na sociedade; e ao mesmo tempo valoriza e encoraja a participação da mulher na defesa da pátria e em todas as esferas da actividade económica, social, política e cultural do país.

A Política Nacional de Educação sublinha que o ensino técnico profissional deve servir de base para a sustentabilidade dos cursos superiores (neste caso vertente, das engenharias) e tem a responsabilidade de formar os operários e técnicos qualificados, para responder às necessidades de mão-de-obra qualificada para os diferentes sectores económicos e sociais do país (MEC, 1999).

Assim, os conceitos de género e igualdade de género são instrumentos fundamentais para descrever e analisar as desigualdades entre os homens e as mulheres. Por serem moldadas pelas normas culturais, sociais, económicas e políticas, as relações de género são construções essencialmente dinâmicas. Pode-se depreender que, as relações sujeitas às mudanças, tornam-se possíveis a partir da transformação das relações de género de modo a alcançar uma maior igualdade entre os homens e as mulheres.

Problema da pesquisa

Qualquer sociedade define e redefine, frequentemente, as normas, os comportamentos e as atitudes que determinam as relações entre os homens e as mulheres em todas as áreas da vida social, política e económica.

Em Moçambique, a Constituição da República, sendo a lei fundamental do país, consagra e tutela os direitos fundamentais, atribuindo-os de forma directa e imediata aos cidadãos. Nela se consagra o princípio geral da igualdade de direitos de todos os cidadãos independentemente da sua cor, raça, sexo, origem étnica ou lugar de nascimento. Também se consagra que o homem e a mulher são iguais perante a lei e em todos os domínios da vida económica, política e cultural, traduzindo-se esta igualdade na proibição de qualquer tipo de discriminação (CHICHONGUE, 2015).

A educação como um direito humano básico é de responsabilidade política reconhecida pela Constituição da República de Moçambique, uma vez que o Estado protege os direitos inerentes à propriedade intelectual, incluindo os direitos de autor e promove a prática e a difusão das letras e das artes. Não só, mas também garante a igualdade de oportunidades de acesso à ela através da integração de todas as camadas sociais.

Nesse contexto, o Plano Estratégico da UEM (2008/2012) refere que o direito à educação, constitucionalmente consagrado, é um direito do Homem que deve ser garantido pelo Estado. Quando realizado, ele contribui para o desenvolvimento económico e para a estabilidade social do País. Neste contexto, a UEM deve desenvolver acções tendentes a promover o acesso equitativo ao ensino superior, sem comprometer a sua qualidade, de forma a eliminar os desequilíbrios do género (Idem). Ambos os planos estratégicos enfatizam quatro factores: acesso, permanência na escola, aprendizagem e aproveitamento.

Na mesma senda, o Programa Quinquenal do Governo (2015-2019) no âmbito do Ensino Superior e Educação Profissional, promove a expansão e o acesso equitativo ao Ensino Superior e Ensino Técnico Profissional, prestando particular atenção à retenção da rapariga e às disparidades geográficas e de género.

Apesar disso, dados recentes sobre o número de estudantes por sexo nas diversas faculdades da UEM, seleccionadas no registo académico, mostram que, em 2017, houve uma participação reduzida de mulheres nos cursos oferecidos na Faculdade de Ciências (FC) e na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS). Ora vejamos: Nos cursos ministrados na Faculdade de Educação, dos 482 estudantes inscritos, 67% eram do sexo feminino; na Escola de Comunicação e Artes, 52,4% dos inscritos eram do sexo feminino (Estatística da UEM, 2017). Contudo, os dados do mesmo período na Faculdade de Ciências apontam que dos 557 estudantes que ingressaram, 31,5% são do sexo feminino; e na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, os dados apontavam que 41,5% dos 1226 inscritos eram do sexo feminino.

De acordo com a tabela 1, há tendências de aumento de candidatas do sexo feminino em 44% nos cursos de ciências sociais (FLCS) comparativamente a 2015. Em contrapartida, nos cursos de ciências (FC) houve um decréscimo de candidatas femininas em 45%. Sendo assim, nos cursos de ciências e ciências sociais, a maior parte dos candidatos são do sexo masculino, em contraste aos cursos de Educação (FE) e cursos de Comunicação e Artes (ECA), onde o número de candidatos do sexo masculino é inferior em relação a candidatas femininas.

Tabela 1: Evolução de efectivo dos estudantes dos cursos de ciências e ciências sociais

Faculdades	FLCS		FC		FE		ECA	
	H	M	H	M	H	M	H	M
2015	675	381	282	371	272	118	111	56
2016	727	523	426	185	166	259	144	152
2017	708	550	421	169	161	324	122	159

Fonte: Direcção do Registo Académico da UEM, 2015-2017.

Não só, a tabela 1 mostra também que existe uma tendência de aumento dos efectivos de estudantes de ano para ano, sendo mais incidente nos efectivos femininos. E também verifica-se que os índices de crescimento não chegam para cobrir o fosso de separação entre os dois grupos de efectivos.

Não obstante, o acesso equitativo de homens e mulheres em alguns cursos da UEM, como é o caso dos cursos de ciências e ciências sociais, parece não corresponder a todas estas ansiedades descritas em todos os documentos e iniciativas, tendo em conta que a Agenda 2025 (UNESCO, 2003) reconhece a necessidade de maior investimento na educação e formação da mulher de modo igual ao homem em todas as esferas de domínio da sociedade.

Desta forma, e tendo em conta que a principal preocupação desta pesquisa relaciona-se com os Estereótipos sociais, a principal questão é a seguinte: *Como é que as relações de género interferem nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências naturais e ciência sociais?*

Objectivos da dissertação

Geral:

- Analisar as relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais na UEM.

Específicos:

- Caracterizar o perfil sociodemográfico dos estudantes dos cursos das ciências e ciências sociais da UEM;
- Identificar os factores associados à decisão da escolha de curso na abordagem de género;
- Explorar a influência de familiares na escolha do curso frequentado;
- Descrever o nível de satisfação em relação ao curso;
- Discutir as barreiras na frequência da rapariga nos cursos de ciências e ciências sociais.

Relevância do estudo

A escolha do tema desta dissertação, “Relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais na UEM em 2017”, surge pelo facto de esta universidade ser parte integrante da Política Nacional de Educação (PNE) que consta do Plano Estratégico do Ministério da Educação e Cultura (2006-2010/2011), cujo lema era “fazer da escola um pólo de desenvolvimento consolidando a moçambicanidade”.

A elaboração desta dissertação também foi motivada pelo facto de se notar desequilíbrios de género nas instituições de ensino superior, sobretudo nas faculdades de ciências e ciências sociais da UEM. O Plano Estratégico da UEM (2008-2012) levanta as causas da desigualdade de género e desenvolve acções tendentes a promover o acesso equitativo ao ensino superior, sem comprometer a sua qualidade, de forma a eliminar os desequilíbrios de género e os demais grupos sociais (UEM, 2012: 17).

Adicionando aos motivos acima referido, a educação da mulher é parte integrante da PNE que consta do Plano Estratégico do MEC (2006-2011), cuja finalidade é procurar reduzir as desvantagens que a mulher tem na sociedade, em termos da educação, para garantir a sua participação equitativa e competente no processo de desenvolvimento económico, social e cultural e nos círculos de poder (CHICHONGUE, 2015). Assim sendo, o estudo sobre o género na escolha profissional é justificado pela necessidade de compreender como é

materializada a política de integração de género na educação em termos da promoção da educação da mulher.

A dissertação torna-se ainda relevante no âmbito institucional, na medida em que irá fornecer subsídios na análise desta acção prioritária do Plano Estratégico da UEM, na investigação dos conceitos de género, promoção, igualdade ou desigualdades de género nas faculdades de ciências e de ciências sociais.

No âmbito político, o desenvolvimento deste estudo poderá permitir, por um lado, constatar os aspectos essenciais de ponto de vista de vantagens que podem motivar mulheres a aderirem em massa aos cursos da Faculdade de ciências e ciências sociais. Por outro lado, poderá permitir identificar e analisar os constrangimentos que estão por detrás da implementação da política de igualdade e de promoção da mulher nos ramos técnicos e os desafios e perspectivas que se colocam, bem como as possíveis soluções para potenciais problemas de motivação para a frequência das raparigas nos cursos em causa.

Estrutura do trabalho

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco partes (capítulos), a saber:

1. A primeira parte apresenta a introdução que comporta a contextualização, problema de pesquisa, objectivos e relevância da pesquisa.
2. Por sua vez, o segundo capítulo discute a literatura sobre relações de género nas escolhas profissionais no mundo, na África Austral e em Moçambique. Iniciaremos com a discussão das relações de género nas escolhas profissionais no mundo.
3. No terceiro capítulo, é descrito o local de estudo (Faculdade de Ciências e Faculdade de Letras Ciências Sónias), visto que é nessas duas faculdades da UEM onde são ministrados os cursos que são objecto deste estudo.
4. No quarto capítulo, descreve-se a metodologia utilizada no trabalho, destacando-se as fases da recolha, análise e interpretação de dados. Portanto, trata-se dos procedimentos metodológicos usados desde a escolha da amostra, concepção dos instrumentos de recolha de dados, validação dos questionários e guiões de entrevistas e sua implementação, os procedimentos para responder às questões de pesquisa, assim como a análise dos dados.

5. O quinto capítulo é composto por uma análise e discussão dos resultados (obtidos através de um inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017).
6. O sexto, e o último capítulo, apresenta as conclusões e recomendações do estudo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo discute a literatura sobre relações de género nas escolhas profissionais no mundo, na África Austral e em Moçambique. Iniciaremos com a discussão das relações de género nas escolhas profissionais no mundo.

2.1. Definição de conceitos

Esta secção irá definir os dois conceitos importantes que serão operacionalizados nesta dissertação, nomeadamente: género e relações de género, tendo em conta a contribuição de vários autores que operacionalizam os mesmos.

2.1.1. Género

O termo “género” foi proposto como uma alternativa ao termo “sexo”, pois “homens” e “mulheres”, “masculinos” e “femininos” são categorias sociais historicamente produzidas que não devem ser reduzidas a uma categoria biológica. Ou seja, sexo é um termo com implicações biológicas, enquanto género se refere ao sexo social, ao feminino e ao masculino, construídos social e culturalmente segundo a história de cada sociedade (CHICHONGUE, 2015).

Actualmente, no contexto do debate sobre o género, as diferenças biológicas que caracterizam os indivíduos como machos, ou como fêmeas são bastante enfatizadas levando em conta as relações sociais e não a biológica. Nesse sentido, pode-se afirmar que o conceito de género surgiu com o intuito de ressaltar o carácter social presente nas diferenças e relações entre os homens e as mulheres.

Na mesma senda, para Bolacha (2013), abordar a questão de género é falar mais concretamente da situação do homem e da mulher na sociedade, e do tipo de relacionamento que existe entre eles. A forma como os homens e as mulheres se vêem, como eles se identificam, longe de ser algo fixo e permanente e histórico, vai sendo construída e assumida diferentemente, a depender das circunstâncias, das associações que fazem com o grupo e das representações colectivas.

No que toca ao conceito de género, este envolve um conjunto de representações culturais, valores e atribuições sociais direccionados a cada género, o masculino e o feminino. Isto é, são distinções de carácter social que, na maioria das vezes, se baseiam no corpo (LIMA et al., 2017).

Além disso, baseando-se ainda em Lima et al. (2017), vale dizer que o conceito de gênero envolve as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, e pelas quais os homens e as mulheres são educados de maneiras diferenciadas, levando-os a assumirem e a exercerem diferentes papéis sociais e atividades laborais na sociedade.

Ao ter em conta os conceitos apresentados pelos autores acima citados, o termo “gênero” é um conceito que remete à relação entre mulher e homem, podendo ser entendido como conjunto de características determinadas pela sociedade, as quais determinam os papéis e o comportamento que diferenciam o homem da mulher e como estes se relacionam entre si. E, tratando-se de uma questão eminentemente social, a questão do gênero tem implicações numerosas e variadas nas diferentes áreas da convivência humana: na política, na economia, no direito, no trabalho, na cultura e mesmo na religião.

Porém, a ideologia contemporânea do papel do gênero sustenta que já passaram os tempos em que se considerava que os homens tinham a esfera pública como o último ganha-pão para a família e as mulheres a esfera privada como o principal cuidador da família. Factores como a urbanização, modernização, maior ênfase ao ensino superior, migração, avanços tecnológicos, meios de comunicação e subsequente exposição a outras culturas foram responsáveis por esta mudança dramática nos papéis de gênero (NADEEM e KHALID, 2018).

Segundo Nadeem e Khalid (Idem), enquanto as mudanças nas atitudes de gênero têm vindo a aumentar em todo o mundo, países como Índia e Paquistão ainda estão divididos entre as atitudes liberais e conservadoras de papéis de gênero. As atitudes conservadoras de papéis de gênero há muito que são as opiniões favorecidas das massas que são contra a emancipação feminina e apoiam a marginalização das mulheres. No entanto, as atitudes liberais de gênero estão em ascensão e encorajam a emancipação feminina, apoiando na liberalização das mulheres em todos os sectores da vida.

2.1.2. Relações de gênero

Relações de gênero são as relações sociais entre mulheres e homens que se desenvolvem dentro de um contexto específico, que podem mudar e, muitas vezes, mudam em resposta à alteração das condições económicas, políticas, sociais e ambientais (BOLACHA, 2013).

Para esta autora, a questão de género toca em aspectos práticos e vitais das pessoas, tais como a distribuição da riqueza e das funções sociais, a distribuição e a remuneração do trabalho, as responsabilidades familiares e os códigos éticos. Além disso, há quem diga que a questão de género é uma questão de poder. Há um consenso geral de que, na maioria das sociedades e dos períodos da história, nas relações de género, o homem tem sido privilegiado e que a mulher tem sido relegada ao segundo lugar. Tem havido, também, uma desvalorização e uma exploração do sexo feminino pelo masculino. O ditado “o homem manda e a mulher obedece” exprime claramente a mentalidade prevalecente na maior parte do mundo durante séculos.

Portanto, a construção tradicional da identidade de género é um dos factores que reforça as desigualdades e hierarquização nas relações. Pois, na concepção tradicional, a mulher é construída como uma pessoa submissa, dependente, passiva, vulnerável, assexual, altruísta, obediente, não questionando a liderança, as decisões e a autoridade do marido (BOLACHA, 2013).

Na opinião de Chichongue (2015), as relações de género exprimem e reproduzem historicamente uma ordem patriarcal que sexualiza os espaços físicos, sociais e simbólicos, igualmente que as práticas sociais, como expressões de uma essência masculina (isto é, espaço público) e de uma essência feminina (isto é, espaço doméstico familiar ou privado).

Por sua vez, Thangei e Doris (2011) afirmam que as relações de género constituem um sistema complexo de relações pessoais e sociais de dominação e de poder através do qual as mulheres e os homens são socialmente criados e mantidos e através do qual ganham acesso ao poder e aos recursos materiais ou lhes é atribuído um estatuto na sociedade.

Todavia, interessa realçar que, do nosso entendimento e na perspectiva dos autores, as relações de género dependem das normas e valores, os quais são elaborados culturalmente; e, como estes podem mudar, são dinâmicos. Pode-se ver, ainda na literatura, que padrões de género são factores importantes na delimitação de actividades quotidianas e na definição do *status* do lugar ocupado na organização familiar, condicionando a formação de vínculos sociais. Porém, uma das maiores lacunas que a literatura apresenta é a ausência dos impactos negativos das relações de géneros, quando partimos do pressuposto de que as relações de género dependem das normas e valores elaborados culturalmente, sendo a cultura diferente em todas as partes do mundo.

2.2. Relações de género nas escolhas profissionais no mundo

A partir da explicitação da problemática de género a nível global, principalmente durante os anos 1970 (período marcado por lutas feministas), surgiram estudos de género a fim de promover maior visibilidade às mulheres. Entre outras reivindicações, esses estudos buscam uma ruptura de paradigmas espaciais entre homens e mulheres, consequência de inúmeros agentes e factores, sejam culturais ou económicos.

Segundo Almeida (2013), a geografia e os estudos de género como um dos actores nas acções de igualdade entre o género, buscam promover, por meio de pesquisas nas últimas décadas, a ruptura dos padrões espaciais impostos por uma sociedade patriarcal. Uma das linhas investigativas é a que trata das relações laborais de homens e mulheres, expressando a divisão sexual de profissão.

No entanto, com o passar do tempo, as visões da sociedade em relação ao papel das mulheres na sociedade também sofrem uma mudança significativa com visões mais igualitárias que defendem a participação das mulheres na força de trabalho financeiro.

Em contrapartida, estudos realizados por BM (2012), Nadeem e Khalid (2018) e Pakistan Bureau of Statistics (2014) sublinham o progresso nesses domínios, apesar de uma maior prosperidade em várias partes do mundo. Contudo hiatos de género permanecem proeminentes mesmo entre os países mais ricos. Estes hiatos persistem nesses domínios “enrijecidos” por três razões principais, a saber: pode haver apenas um único “arranjo” institucional ou político, difícil e facilmente bloqueado, e ilustra-se esse problema com a mortalidade feminina excessiva (BANCO MUNDIAL, 2012).

Em segundo lugar, os hiatos persistem quando várias limitações de reforço se combinam para impedir o progresso. Terceiro, as diferenças de género são particularmente persistentes quando enraizadas nos papéis de género e normais sociais profundamente arraigados, tais como quando referentes a quem é responsável pela prestação de cuidados e realização de tarefas domésticas, e o que é “aceitável” para as mulheres e os homens em termos de estudo, realização e aspiração (BANCO MUNDIAL, 2012).

Apesar disso, dada a crescente ênfase nas carreiras e linhas profissionais de trabalho na virada do século XXI, os conceitos de escolhas profissionais ganharam popularidade considerável (NADEEM e KHALID, 2018).

Estes autores referem que a escolha profissional representa o desejo de um indivíduo de ter uma ocupação ou linha de trabalho que considere ideal para si. Os autores sublinham que as mulheres tendem a ter aspirações de carreira que pagam remuneração baixa comparado com os homens, no que diz respeito às carreiras profissionais e cargos de gestão de topo.

No entanto, com a revolução industrial e o aumento da importância do ensino superior, as mulheres começaram a interessar-se em aumentar sua participação na força de trabalho profissional. Embora a participação delas em ocupações gerenciais de alto escalão continue baixa em todo o mundo, as suas escolhas profissionais ampliaram-se e as suas aspirações de carreira aumentaram, o que explica os seus caminhos ocupacionais futuros.

De acordo com PNUD (2018), a escolha profissional única de um indivíduo satisfaz os seus objectivos pessoais, económicos e intelectuais que este estabelece para si próprio. Embora um número crescente de mulheres tenha agora entrado na força de trabalho profissional, estas tendem a escolher, principalmente profissões dominadas por mulheres e estão sub-representadas nas vocações no topo da hierarquia profissional que são em grande parte ocupadas por homens.

Na actualidade, a questão de saber se as mulheres participarão ou não na força de trabalho parece ser irrelevante. Em contraste, a questão relevante relaciona-se com o tipo de escolhas que as mulheres farão na selecção de uma profissão para si próprias. Em geral, tem sido observado que embora cada vez mais mulheres se tenham integrado activamente na força de trabalho ocupacional, estas têm tipicamente escolhido para si próprias percursos de profissões tradicionais e convencionais. Por exemplo, no Paquistão, apenas 5% do total da força de trabalho feminino está actualmente empregada em profissões dominadas pelos homens (PAKISTAN BUREAU OF STATISTICS, 2014).

Contudo, durante vários anos a escolha profissional foi considerada um momento difícil na vida de cada jovem. Actualmente, com o aumento de vagas e a variedade de cursos nas universidades cumpre-se a tão desejada democratização no ensino superior. Todavia torna-se um desafio a análise para a escolha competente de uma profissão académica.

Segundo Santos et al. (2014), a decisão pela escolha profissional reveste-se de tanta importância para a vida de cada um, pois esta terá reflexos por toda a vida, devendo ser feita com muita responsabilidade, baseando-se em muitos factores, como a preferência, a vocação,

o peso salarial e a disponibilidade de vagas no mercado de trabalho, para garantir a satisfação pessoal e o sucesso profissional futuro.

Dentre os factores que podem ser considerados influenciadores dessa escolha, pode-se citar o ambiente familiar, os amigos, a situação social, a empregabilidade, a experiência profissional (se tiver) e a questão de género. Este último factor parece bastante pertinente nas escolhas, visto que apesar de os cursos de graduação não apresentarem mais exigências quanto ao género de seus futuros académicos, as mulheres ainda tendem a escolher profissões consideradas femininas e os homens a escolher profissões que atendem à ala masculina (SANTOS et al., 2014).

Nesse sentido, para efeitos desta dissertação, partiu-se do pressuposto de que uma das determinações desse processo de escolha profissional é constituída pelas próprias relações de género, com seus desdobramentos na divisão sexual do trabalho, reproduzida tanto no ambiente familiar quanto na escola e sociedade. Esses três pressupostos sociais criaram ao longo do tempo uma série de obstáculos que desafiam o acesso da mulher ao mercado de trabalho contribuindo assim para o crescimento dos preconceitos machistas.

Apesar da aparente igualdade de género existente entre os homens e as mulheres no mundo contemporâneo, nota-se a presença dos reflexos do preconceito criado na antiguidade, quando vemos que a maioria das mulheres ainda cursa faculdades que têm grande participação feminina, verdadeiros “guetos femininos”, que oferecem salário diferenciado para o mesmo emprego e função, como, por exemplo, é o caso da engenharia (ALMEIDA, 2013).

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, – UNESCO (2002), a quantidade de mulheres que entram nas universidades é superior a dos homens. Porém, observa-se ainda que as profissões são segregadas por género que definem que as linhas de trabalho são tradicionalmente adequadas de forma diferenciada para os homens e mulheres. Consequentemente, as mulheres preferem permanecer em posições que não são superiores às ocupações tradicionalmente ocupadas por homens. Ao fazer isso, as mulheres permanecem cuidadosamente nas ocupações estereotipadas de género, porque receiam que ao escolher campos de trabalho dominados por homens, possam exibir o que é conhecido como comportamento desviante de género que é menosprezado pela maioria das sociedades patriarcais (NADEEM e KHALID, 2018).

Deste modo, torna-se relevante a investigação sobre a relação entre estereótipos de género e escolha profissional, uma vez que a tarefa de escolher a profissão é parte do desenvolvimento humano. Além disso, o entendimento das demarcações de género, voltadas para o contexto de escolha profissional, é essencial para se compreender as desigualdades presentes nessa esfera.

Do ponto de vista da escolha profissional, pode-se pensar que as atribuições como essas influenciam a decisão de jovens, que se encontram na fase de definição da identidade profissional (SOUZA, 2015). Assim, a forma como os jovens integram essas valorações profissionais à sua identidade pode ser vista nos padrões culturalmente construídos quanto aos papéis de homens e mulheres ao longo do processo de desenvolvimento humano.

De acordo com Lima (2016), no mundo contemporâneo e ocidental, apesar de várias mulheres ascenderem às funções de gestão com elevada qualificação e desejarem progredir nas suas profissões, ainda são poucas as que atingem cargos e salários equiparáveis aos dos seus colegas homens.

Segundo o Banco Mundial (2012), a participação da mão-de-obra feminina cresceu nos últimos trinta anos conforme a expansão de oportunidades económicas que promoveu a entrada de muitas mulheres no mercado de trabalho. O hiato de género na participação entre 1980 e 2008 reduziu de 32% para 26%. Contudo, até 2008, as mulheres representavam mais de 40% da força de trabalho global. Os países que começaram com taxas muito baixas, (principalmente na América Latina e no Caribe e em menor grau no Oriente Médio e Norte da África) apresentaram um aumento na participação de mulheres comparado a pequenos declínios nos países que começaram com taxas altas (principalmente na Europa Oriental e Ásia Central). Estas taxas convergiram em todas as regiões, embora ainda existam diferenças significativas. A participação da força de trabalho feminino era a mais baixa até 2012 no Oriente Médio, no Norte da África (26%), Sul da Ásia (35%), a mais alta no leste Asiático, Pacífico (64%) e África Subsaariana (61%).

Contudo, é possível verificar que, mesmo quando ultrapassadas as divergências dos papéis de género nas escolhas profissionais, as mulheres são frequentemente confrontadas com barreiras sociais que as impedem de alcançar a igualdade em profissões que não sejam tradicionalmente femininas. Esta diferença reflecte o dualismo de género que está profundamente enraizado na linguagem e na cultura ocidental (LIMA, 2016).

As interações entre domicílios, mercados e instituições também podem explicar o padrão e o ritmo da participação feminina na escolha profissional. A decisão da mulher de trabalhar fora de casa responde às mudanças em seus próprios salários e às mudanças em sua renda familiar. À medida que os países de baixa renda ficam mais ricos, as mulheres participam menos do mercado de trabalho, porque as suas rendas familiares também aumentam. Com o tempo, os níveis educacionais das mulheres também aumentam à medida que as instituições formais respondem. O aumento da renda também resulta em casamento e procriação tardia e na redução da fertilidade. Todos esses factores trazem as mulheres de volta para a força de trabalho (BANCO MUNDIAL, 2012).

Segundo a Comissão para Igualdade de Género (2009), no ensino superior é possível verificar a existência de um maior número de mulheres a prosseguir estudos, demonstrando um maior sucesso escolar por parte das mesmas. Contudo, verifica-se que estas optam maioritariamente por cursos considerados tradicionalmente femininos como, por exemplo, as línguas e humanidades em detrimento das ciências e das engenharias.

Ao contemplar o exposto, Lima (2016, citando CARVALHO, 2012), refere que quando as mulheres escolhem áreas tipicamente masculinas como as ciências, as engenharias, as tecnologias e/ou evidenciam cargos de chefia e de poder (por exemplo, a política), geralmente permanecem pouco tempo nesses mesmos cargos, sendo-lhes atribuídas características masculinas, porque são consideradas mulheres que “invadiram o mundo” dos homens.

Dessa forma, o seu comportamento é encarado como desajustado, pois ultrapassaram os limites do que é considerado adequado e aceitável socialmente. Esta reprovação é feita quer por homens, quer pelas próprias mulheres, uma vez que os estereótipos de género estão de tal forma enraizados que, frequentemente, são as mulheres que se percebem como incapazes para assumirem determinados cargos, aceitando a sua condição de “inferiores” face aos homens, acomodando-se com cargos mal remunerados ou de pouca relevância.

2.3. Relações de género nas escolhas profissionais na África Austral

Ao passar um olhar minucioso pelas relações de género na África Austral, parece que estas têm passado por transições significativas nas últimas décadas. Uma alteração importante teve lugar com a mudança de sociedades predominantemente rurais, baseadas na autoridade patriarcal tradicional, na família alargada e na produção agrícola, para a economia política

colonial baseada na migração do trabalho masculino para as cidades e zonas mineiras (TVEDTEN et al., 2013). Isto efectivamente dividiu os agregados familiares, tornando-os dependentes de uma combinação de rendimento em dinheiro e produção agrícola tradicional, onde as mulheres eram forçadas a desempenhar um papel cada vez mais importante na agricultura.

As relações de género foram depois afectadas pela crescente modernização e urbanização que sucederam no fim do colonialismo e controlo da migração. Segundo UN-Habitat (2007) e SADC (2013), a África Austral tornou-se a sub-região mais urbanizada do continente, com quase 45% da população a viver em pequenas e grandes cidades, levando para as cidades centenas de milhares de mulheres, homens e crianças ostensivamente à procura de uma vida melhor. Uma expressão destas relações em mudança é a alta prevalência de agregados familiares chefiados por mulheres nos países vizinhos de Moçambique, variando entre 42% na África do Sul e 23% na Zâmbia (TVEDTEN et al., 2013).

De acordo com a SADC (2013), existem barreiras que têm impacto sobre a participação das mulheres em vários níveis de liderança na África Austral, como é o acesso limitado à educação, em alguns países, especialmente o ingresso ao ensino superior. Outros factores incluem práticas discriminatórias de promoção e designação de mulheres para cargos importantes de gestão, e ausência de políticas e legislação adequadas.

Contudo, a região Austral de África teve avanços significativos em direcção a sua meta de alcançar a igualdade de género na educação. O compromisso dos países da África Austral para oferecer educação aos seus cidadãos é evidenciado pelo aumento significativo do número de crianças e jovens de toda a região que frequentam as instituições de ensino, pública e privada. A resposta dos países desta região para resolver a crescente demanda da educação está a colocar a região mais perto de cumprir as metas do Protocolo da SADC sobre Educação e Formação, e sobre o Género e Desenvolvimento (SADC, 2016).

Em paralelo a isso, a participação das mulheres nas instituições de ensino superior também continua a melhorar, com os dados de onze países membros mostrando que as matrículas estão na ordem de 50% e em alguns casos há registo de mais mulheres do que homens, como no Lesotho, Maurícias e Namíbia. Alguns Estados membros criaram programas de acção afirmativa abrangentes destinados a assegurar a paridade de género nas instituições de ensino superior e terciário.

A participação das mulheres como pessoal académico e de investigação nas instituições de ensino superior está a aumentar, mas continua a ser inferior que a dos homens, com as mulheres ocupando 39% da composição do pessoal docente e de pesquisa regional em geral. As estatísticas melhoraram quando a matrícula de alunos em instituições de ensino superior é considerada, com as mulheres representando 49,9% da matrícula geral.

Apesar de a participação das mulheres académicas e investigadoras ter aumentado, continua a ser menor em relação ao número de homens. Segundo o Monitor de Género e Desenvolvimento da SADC (2016), a África do Sul, Namíbia e Lesoto entre 2006 e 2008 tinham mais do que 40% de mulheres académicas e investigadoras, o que não chega a 50% de homens. Em 2012, o percentual para a Namíbia e a África do Sul aumentou ligeiramente de 42,4% para 42,6% e de 43,7% para 46,4%, respectivamente. A Tanzânia é o único país que registou um ligeiro decréscimo de 24,8% para 24,2% em 2012. Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Malawi, Madagáscar, Moçambique, Swazilândia, Zâmbia e Zimbabwe têm aumentado o número de mulheres de pesquisa e pessoal académico, embora estejam ainda longe de atingir a paridade com os homens (SADC, 2016).

Na perspectiva de Galisa (2005), há uma tendência de os cursos de ciências humanas, sociais, linguística, letras e artes atraírem mais mulheres do que homens. A autora refere que tanto nos níveis mais baixos de instrução como no nível universitário, são evitados temas que incluem novas visões de uma sociedade com maior equidade de género. Assim, numa disciplina de economia pode-se afirmar que a renda das mulheres é geralmente mais baixa em relação a do homem mas não se explicam os factores que provocam essa desigualdade.

Em contraste, a UA (2009) e o PNUD (2014) sublinham que existe uma lacuna significativa entre as disposições a favor da igualdade do género e a realidade quotidiana das mulheres. Neste caso, a reforma legislativa é um pré-requisito, mas não apenas uma condição para a governação com perspectiva de género, que envolve tomar medidas deliberadas para transformar instituições através de sistemas de governação de género incluindo orçamento sensível ao género, uma vez que, para estas entidades, a participação das mulheres no trabalho é muitas vezes altamente informal, sem protecção social. A diferença salarial global de género é de 23%. Ao longo das suas vidas, as mulheres ainda estão sujeitas a diferentes formas de violência e discriminação baseadas no género e é-lhes negado o acesso igual aos direitos legais e serviços básicos, incluindo cuidados de saúde, educação e justiça.

As mulheres, por exemplo, se tivessem o mesmo acesso aos recursos produtivos iguais aos homens poderiam aumentar os rendimentos nas suas explorações agrícolas em 20% a 30%, o que poderia aumentar a produção agrícola total nos países em desenvolvimento em 2,5% a 4% por ano, e reduzir o número de pessoas famintas no mundo em 12% a 17% (PNUD, 2014).

Abordar a educação junto às políticas e seus componentes de género faz com que as relações de género sejam dinamizadas no ensino pois pode-se reflectir na construção da identidade masculina e feminina, influenciada pela educação diferenciada, enquanto homens e mulheres desde a família e a escola e no seu desdobramento na formação profissional das mulheres e dos homens.

2.4. Relações de género nas escolhas profissionais em Moçambique

Apesar de as mulheres rurais realizarem várias horas de trabalho na actividade agrícola, em termos de acesso, controlo de bens, tecnologias, insumos, serviços e educação necessários para o desempenho e facilitação dessas tarefas, as mulheres aparecem desfavorecidas. Moçambique está na 180ª posição num total de 188 e encontra-se no 135º lugar de um total de 155 no Índice de Desigualdade de Género do PNUD (2014). Pode-se depreender que a mulher constitui, o actor fragilizado, particularmente no que respeita ao acesso a recursos, como rendimento ou terra, ou ao nível da participação cívica e comunitária.

O aumento do número de mulheres na pesquisa em Moçambique resulta de uma entrada massiva das mulheres ao mercado de trabalho e ao ensino médio e superior desde as últimas décadas do séc. XX (CHICHONGUE, 2016). Estas mudanças estão de alguma forma aliadas aos seguintes factores, i) A política pública adoptada pelo Estado moçambicano após a independência; ii) A dinâmica do desenvolvimento económico e, iii) influência das convenções internacionais sobre o direito e emancipação da mulher. Algumas pesquisas mostram que o crescimento das mulheres no mercado de trabalho se deve à sua inserção maioritária no trabalho informal.

Apesar do crescimento da escolaridade das mulheres e de sua inserção crescente nas universidades, as carreiras científicas e as tecnológicas não se constituem ainda uma prioridade na escolha do curso universitário para as meninas que concluem o ensino médio. A escolha das carreiras e profissões continuam a ser consideradas como tipicamente femininas.

Os distritos de Monapo e Nacarôa, localizados na província de Nampula, caracterizam-se pela filiação de comunidades matrilineares. Todavia, verificam-se mudanças relacionadas com o casamento matrilocal, segundo o qual, após o casamento, o homem se muda para a aldeia da família da mulher (cf. Geffray, 1990). Com efeito, nos distritos em estudo, após o casamento, o casal passa a residir nas terras do homem e, mesmo nos casos em que vive algum tempo na zona da família da mulher, posteriormente o casal transfere-se para as terras do marido ou para as chamadas “zonas neutras” (AGY, 2017).

Um estudo realizado por Osório (2006) afirma que há perda de influência das estruturas familiares, uma vez que o abandono da matrilinearidade reforça o modelo patriarcal e se traduz num enfraquecimento dos laços entre casais. Assim, a estrutura matrilinear refere que o homem é o responsável pela família e tem direito a ter propriedade da terra.

Em contraste, Chichongue (2015), Tvedten et al. (2013) e Bolacha (2013) referem que as relações de género são, essencialmente, constituídas socialmente e serão entendidas diferentemente e terão diferentes expressões em diferentes cenários socioculturais. Embora as diferenças nas condições materiais de rendimento e bens, entre homens e mulheres, sejam uma parte importante da feminização da pobreza em Moçambique, esta também envolve questões relacionadas com a falta de voz activa e de poder em relação às instituições da sociedade e do estado, vulnerabilidade perante situações adversas e a capacidade de as enfrentar através de relações sociais e das instituições legais.

Estudos que abordam a pobreza mostram que existem programas e planos para minimizar as desigualdades existentes no seio da população, em Moçambique (c.f. PARPA I e II, Agenda 2025, Objectivos de Desenvolvimento do Milénio – ODM, entre outros). Alguns indicadores ilustram que quanto à expansão dos serviços primários, notam-se alguns avanços, mas para os outros, os progressos têm sido lentos. Esta lentidão também impede que se atinjam os objectivos de igualdade de género no acesso aos recursos (AGY, 2017).

O sector da educação, especificamente, continua a ser um dos pilares importantes para a inserção da mulher na vida política, económica e social. Segundo os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável para Moçambique (2010), a educação continua a apresentar desafios enormes quanto à inclusão da mulher e à promoção da igualdade de género (BOLACHA, 2013).

Apesar de existir algum esforço para reduzir as desigualdades de género, a emancipação e a eliminação das desigualdades entre homens e mulheres constituem um desafio. Todavia, na promoção dos direitos humanos das mulheres ainda persistem algumas hesitações impostas nas construções sociais assentes na dominação masculina, que tendem a colocar a mulher como o outro sexo.

2.5. Lacunas na literatura sobre relações de género na escolha profissional

Na tentativa de esclarecer a questão central desta pesquisa e baseando-se na literatura revista sobre as relações de género na escolha profissional, parte-se do pressuposto de que o sistema educacional no mundo, na África Austral e em Moçambique, está condicionado a diversos factores que vêm sofrendo mudanças ao longo do tempo, dentre os quais as questões de género. Assim, torna-se possível perceber que tanto os homens como as mulheres vão se enquadrando nos modelos já pré-estabelecidos de uma sociedade que determinou, por exemplo, que um menino veste a roupa de cor azul e uma menina veste rosa. E esta abordagem orienta o masculino para funções trabalhistas diferentes das femininas.

Um estudo realizado por Santos et al. (2014) revela que os homens são sempre colocados em posição superior, enquanto as mulheres recebem um *status* inferior e, conseqüentemente, encargos de segunda ordem. A socialização de meninos e meninas acontece tanto na família quanto na escola, que os educam conforme o modelo constituído pela sociedade, com referência à classe social, entre outros que atribuem o masculino e feminino. Esse facto torna-se evidenciado no decorrer de todo o desenvolvimento do ser humano, onde desde a fase de bebé a família determina actividades diferentes para meninos e meninas.

Ainda na compreensão das relações de género na escolha profissional, percebe-se que, por um lado, a educação, enquanto instrumento de formação da consciência pessoal, social e cultural, assume um papel fundamental na transformação do próprio ser humano. Por outro lado, a educação formal, dependendo do modo como foi desenhado o currículo, pode encarregar-se de promover a igualdade ou diferenciação entre os sexos, respeitando ou não às especificidades de cada um, mas também para tornar homens e mulheres iguais ou não dentro do processo social, passando a estereotipá-los ou não, destinando-os a lugares e papéis segmentados e segregados ou não (BOLACHA, 2013).

Não obstante, com base nas relações de género, nota-se que a família e a escola socializam meninos e meninas, reproduzindo um padrão pré-estabelecido pela sociedade do capital onde

estão inseridos. Este padrão está dotado de preconceitos que contribuem para desigualdade social entre homens e mulheres, alimentando o machismo e a subordinação das mulheres em relação aos homens e, conseqüentemente, favorecendo a divisão sexual do trabalho (SILVA, 2007).

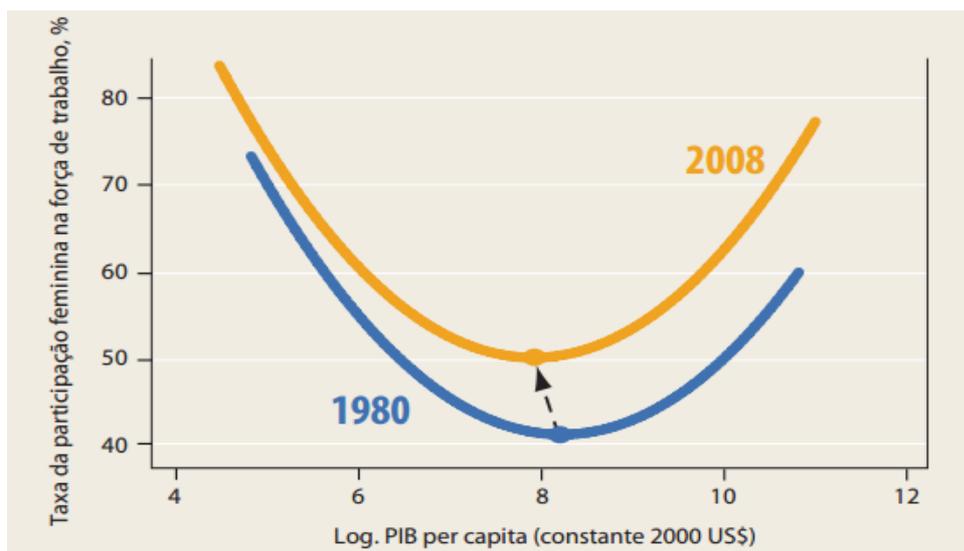
Contudo, a identidade de homem e mulher é construída socialmente, dependendo da forma como o mundo lhes foi apresentado, das suas bases culturais, da ideologia e das relações construídas no cotidiano social. Pois, o crescimento do ser humano processa-se gradualmente no próprio cotidiano, assimilando concepções, assumindo posições que vão construindo o seu modo de ser e de pensar dentro da sociedade e adquirindo atitudes.

Actualmente, há uma expressiva quantidade de mulheres que actuam no mercado de trabalho exercendo funções que antigamente eram exercidas apenas por homens. Barbosa (2007), argumenta que esta expressiva quantidade de mulheres no mercado resulta de um conjunto de mudanças no mundo do trabalho determinadas pelo processo de reestruturação produtiva capitalista, as inovações tecnológicas, os avanços das ciências no processo de produção e a nova organização do trabalho, trabalho flexibilizado resultante dessa mesma reestruturação, bem como mudanças nas relações de género provocadas pelas lutas do movimento de mulheres e do movimento feminista nacional e internacional.

Sendo assim, os princípios de uma sociedade também vão se modificando, e as crianças passam a ser educadas por um modelo diferente do apresentado quando em tenra idade. Os pais apresentam-se com mentalidade “aberta”, com visão ampla e conhecedora da nossa sociedade, alguns preconceitos já têm sido quebrados, por conta de movimentos reivindicatórios, e isso permitiu que as crianças de ambos os sexos tendessem a ter mais liberdade de expressão e pudessem fazer as suas próprias escolhas.

De salientar que, o Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial (2012) refere que existem duas razões principais para os ganhos em determinados domínios de igualdade de género em muitos países em desenvolvimento terem ocorrido mais rapidamente do que nos países ricos de hoje quando estes se encontraram no mesmo patamar de renda. Primeiro, as rendas de muitos países em desenvolvimento cresceram mais rápido. Desde 1950, 13 países em desenvolvimento cresceram uma média de 7% por ano por mais de 25 anos ou mais — um ritmo sem precedentes antes da última metade do século XX.

Figura 1: Participação da mulher no trabalho em todos os níveis de renda.



Fonte: Banco Mundial (2012 citando OIT, 2010).

Os estudos sobre o género, em Moçambique, exploram a recente “integração” ou “essencialização” das políticas de género, impulsionada pelas agendas internacionais, o que constitui uma lacuna, visto que há possibilidade de se desenharem políticas que não têm relação com a realidade nacional, económica e sociocultural. Ademais, as diferenças nas condições materiais de rendimento e bens, entre os homens e as mulheres, são uma parte importante da feminização da pobreza em curso em Moçambique. Chichongue (2015) argumenta que há questões relacionadas com a falta de voz activa e poder em relação às instituições da sociedade e do Estado, vulnerabilidade perante situações adversas e a capacidade de as enfrentar através de relações sociais e das instituições legais.

3. ESTUDO DE CASO – Caracterização do local de estudo

Neste capítulo faz-se a descrição da Faculdade de Ciências e da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, visto que é nessas duas faculdades da UEM onde são ministrados os cursos que são objecto deste estudo. Para tal, a informação sobre a descrição das duas faculdades foi extraída dos *sites* da UEM.

3.1. Faculdade de Ciências

A Faculdade de Ciências (FC) é uma unidade orgânica da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) dotada de autonomia pedagógica e científica no âmbito dos cursos que ministra e de autonomia administrativa, patrimonial e financeira relativamente aos seus próprios recursos dentro dos limites legais. Esta, goza, igualmente, de autonomia regulamentar e disciplinar dentro dos limites legais.

Ao longo da sua existência, a FC assumiu sempre com responsabilidade a missão de providenciar e conduzir a educação e a investigação científica em ciências naturais, puras e aplicadas. A FC privilegia o ensino mas, paralelamente, procura manter sempre uma permanente interação com os vários actores da sociedade através da investigação e extensão.

De forma geral, a FC procura fazer sempre o uso optimizado dos recursos que tem disponíveis, tendo em vista a satisfação contínua das necessidades da sociedade moçambicana em particular e do mundo em geral. A FC tem por objectivos: a) Providenciar uma educação actualizada de padrão internacional baseada no conhecimento científico; b) Realizar e promover uma investigação de mérito nacional e internacional; c) Contribuir para o desenvolvimento de competência e conhecimento científico na sociedade moçambicana; e d) Providenciar a compreensão da importância da ciência em áreas tais como agricultura, ecologia, economia, engenharias, recursos naturais e outras.

3.1.1. Estrutura da Faculdade de Ciências

A FC possui os seguintes órgãos de gestão: o Director, o Conselho de Direcção, o Conselho Pedagógico, o Conselho Científico, o Conselho de Faculdade. A sua estrutura organizacional integra diversos tipos de unidades orgânicas, agrupadas de acordo com a natureza das funções que aí são desempenhadas, a saber, i) Administração da Faculdade; ii) Os Departamentos Académicos; iii) Os Departamentos Não Académicos; e iv) Centros Internos.

Os departamentos académicos da FC são cinco (5), nomeadamente: Departamento de Ciências Biológicas (DCB); Departamento de Geologia; Departamento de Física; Departamento de Química; e Departamento de Matemática e Informática (DMI). E os departamentos não académicos são três (3): Administração Geral; Finanças; Departamento de Tecnologias de Informação, Comunicação e Bibliotecas. Não só, a FC dispõe ainda de um Centro de Investigação: A Estação de Biologia Marítima da Inhaca.

A FC tem as áreas de Graduação e de Pós-Graduação coordenadas pelos respectivos Directores-Adjuntos. Estes respondem, conjuntamente com os Departamentos Académicos, por todas as actividades referentes ao processo de ensino e gestão académica.

Nos cursos de graduação, a FC da UEM oferece ao público treze (13) cursos de Licenciatura (Graduação). Estes têm a duração de quatro (4) anos e são leccionados nos períodos diurno e pós-laboral, a saber, Licenciatura em Biologia Aplicada, Biologia e Saúde, Ecologia e Conservação da Biodiversidade Terrestre, Biologia Marinha, Aquática e Costeira, Física, Meteorologia, Química, Geologia Aplicada, Cartografia e Pesquisa Geológica, Matemática, Estatística, Informática e Ciências de Informação Geográfica.

Nos cursos de pós-graduação, a FC da UEM oferece seis (6) cursos de mestrado e um curso de doutoramento, leccionados nos períodos diurno e pós-laboral, a saber, Mestrado em Biologia Aquática e Ecossistemas Costeiros, Informática, Física, Química e Processamento de Recursos Locais, Geologia Costeira e Ambiente e Gestão de Recursos Minerais. Os cursos de doutoramento são dois (2), a saber, Doutoramento em Ciência e Tecnologia de Energia.

Os departamentos académicos da FC garantem a leccionação de disciplinas básicas necessárias para as ciências aplicadas, como as engenharias, agronomia, medicina, veterinária, arquitectura, economia, mas também para as ciências sociais e humanas.

3.2. Faculdade de Letras e Ciências Sociais

A Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) é actualmente a maior da UEM, com cerca de 5.000 estudantes nos cursos de graduação e pós-graduação. A FLCS é fruto da união em 2003 entre as já extintas Faculdade de Letras (FL) e Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais (UFICS).

A FL resultou, por sua vez, do processo de desenvolvimento dos cursos de Formação de Professores do 11º grupo (geografia e história) e do 8º grupo (línguas), criados no âmbito dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique em 1962. A FL propriamente dita só viria a ser criada em 1968, através da introdução dos cursos de Graduação em Geografia, História e Línguas Românicas.

No início da década 90, a UEM decidiu criar a UFICS cujo objectivo era a gestão, formação e investigação em ciências sociais e humanas na UEM, que recebeu os seus primeiros estudantes em Abril de 1995.

Actualmente, a FLCS é reconhecida pelo contributo que presta ao desenvolvimento do capital humano de Moçambique através da formação de graduados e pós-graduados de qualidade. A FLCS prossegue, empenhadamente, um ensino de qualidade, realiza investigação relevante e actividades de extensão e consultoria e contribui para os debates nacionais, regionais e internacionais nos domínios das letras e ciências sociais.

3.2.1. Estrutura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais

A FLCS possui os seguintes órgãos de gestão: Director da Faculdade, Director-Adjunto para a graduação, Director-Adjunto para investigação e extensão, Director-Adjunto para pós-graduação, Conselho da Faculdade, Conselho Científico, Conselho Pedagógico e conselhos de departamento.

Actualmente, a FLCS conta com um total de 10 departamentos, dos quais sete académicos e três não académicos, a saber: departamentos académicos: Departamento de Arqueologia e Antropologia; Departamento de Geografia; Departamento de História; Departamento de Sociologia; Departamento de Línguas; Departamento de Linguística e Literatura; e Departamento de Ciência Política e Administração Pública.

Dos departamentos não académicos, a FLCS tem um Departamento de Qualidade Académica, Departamento de Registo Académico, Administração e Finanças, e também conta com três centros, um museu e uma Cátedra de Português Como Língua Segunda, Centro de Línguas, Centro de Análise de Políticas, Instituto Confúcio e Museu de Arqueologia.

A FLCS oferece vinte e quatro (24) cursos regulares. Na graduação a FLCS oferece cerca de dezoito (18) cursos, a saber: Licenciatura em Tradução e Interpretação Francês/Português, Administração Pública, Antropologia, Arqueologia, Ciência Política, Francês, Inglês, Línguas Bantu, Português, Geografia, História, Linguística; Linguística e Literatura; Literatura Moçambicana; Serviço Social; Sociologia; Tradução e Interpretação Inglês/Português; Língua, Cultura e Literatura Chinesa.

Para a pós-graduação a FLCS tem seis (6) cursos, a saber, Mestrado em Governação e Administração Pública; História de Moçambique e da África Austral; Sociologia Rural e

Gestão de Desenvolvimento; População e Desenvolvimento; Ensino de Português Como Língua Segunda e Linguística. Para além destes cursos, a FLCS conta com dois (2) cursos de doutoramento, a saber, doutoramento em linguística e sociologia de desenvolvimento.

Para além dos cursos regulares, a FLCS oferece cursos de curta duração em Árabe, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Português e Línguas Moçambicanas (Xi-Chopi, Gitonga, Macua, Xi-Maconde, Ndau, Nyungue, Sena, Changana, Ronga).

4. METODOLOGIA

Neste capítulo descreve-se a metodologia utilizada no trabalho, destacando-se as fases da recolha, análise e interpretação de dados. Portanto, trata-se dos procedimentos metodológicos usados desde a escolha da amostra, concepção dos instrumentos de recolha de dados, validação dos questionários e guiões de entrevistas e sua implementação, os procedimentos para responder às questões de pesquisa, assim como a análise dos dados.

4.1. Tipo de pesquisa

Quanto à abordagem, este trabalho apresenta uma abordagem mista (qualitativa e quantitativa) tendo em conta que estes métodos podem ser aplicados em simultâneo.

Com a abordagem qualitativa, pretendia-se aferir as percepções, assim como os sentimentos dos estudantes dos cursos de ciências naturais e sociais na UEM sobre relações de género nas escolhas profissionais. De acordo com Chichongue (2015), nas pesquisas qualitativas, é frequente o pesquisador procurar entender os fenómenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, nessa base, criar auto-interpretação sobre os mesmos fenómenos.

Dada a necessidade de analisar os dados numéricos da pesquisa, ou seja, aferir as idades, o estado civil, proveniência entre outras informações de cariz estatístico dos respondentes, aplicou-se, também, a abordagem quantitativa. Esta abordagem, segundo Bolacha (2015), assume que tudo pode ser quantificável, no sentido de traduzir, em números, as opiniões e informações, classificá-las e analisá-las, recorrendo a técnicas estatísticas como, por exemplo, o cálculo da percentagem.

O estudo recorreu também ao estudo de caso, pelo facto de focar um problema particular dentro dos constrangimentos que se podem encontrar na sociedade, as relações de género nas escolhas profissionais. Santos et al. (2014) argumentam que o estudo de caso é uma ferramenta que se debruça, deliberadamente, na análise da situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.

Nessa senda, o estudo de caso incidiu sobre 270 estudantes e foi realizado no mês de Outubro de 2020, o qual consistiu na recolha de dados em 135 estudantes na Faculdade de Ciências, e 135 estudantes na Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Não só, esta técnica também permitiu fazer uma caracterização da área de estudo e descrever as duas faculdades.

4.2. Método e técnicas de estudo

No que tange aos procedimentos técnicos, a pesquisa adoptou, como indicam Lakatos e Marconi (2003), a análise documental para as revistas e artigos *online*, estudo de caso e o inquérito. A análise documental concebida por Gil (2008) refere-se à elaboração a partir de materiais que não receberam tratamento analítico de carácter científico como, por exemplo, documentos e relatórios oficiais foram úteis para compreender como o tema proposto ocorre.

O inquérito permitiu recolher informações básicas relativas ao grupo-alvo deste estudo, a saber, a idade, sexo, proveniência, razões da escolha do curso, o impacto da escolha

profissional, possibilidade de integração e ascensão profissional, prestígio e autonomia no emprego, sexo que se identifica com o curso de frequência, género na preferência do curso e influência de algum familiar para a escolha do curso.

Por seu turno, a entrevista semiestruturada foi dirigida ao mesmo grupo alvo (estudantes), com intuito de permitir que eles aprofundem as respostas dadas no inquérito (visto que são curtas).

4.3. População e amostras

A população da pesquisa é o universo em estudo, enquanto a amostra do estudo é uma porção desse universo, que é efectivamente abrangida pela pesquisa por incapacidade de se estudar na totalidade a primeira (SILVA, 2004). Para a presente dissertação, a população ou universo da pesquisa é constituída por 1785 estudantes dos cursos de ciências e ciências sociais que ingressaram na UEM em 2017.

Tendo em conta a natureza do estudo, o método de amostragem foi não probabilística, visto que a escolha dos elementos não foi feita de forma aleatória, mas sim por motivos subjectivos como, ano de ingresso na UEM bem como o curso escolhido (ciências e ciências sociais).

O tamanho da amostra é de 270 estudantes, que corresponde a 15,1% do universo. A determinação do tamanho da amostra foi influenciada pela pandemia da COVID-19, uma vez que as medidas de redução da propagação deste vírus obrigaram os estabelecimentos de ensino a reduzir o número de estudantes por turma e o tempo de permanência no recinto escolar. Além disso, por questões de prevenção individual, a autora não poderia ter maiores contactos com os estudantes.

Devido à necessidade de recolher as opiniões, percepções e sentimentos sobre relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências e sociais na UEM, os 270 estudantes que constituem a amostra desta pesquisa foram submetidos ao inquérito, sendo, por isso, uma amostra por conveniência.

4.4. Técnicas de análise de dados

A análise de dados é o processo de formação de sentido além dos dados. Esta ocorre consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, e tem como objectivo organizar e sintetizar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação (BOLACHA, 2013).

Sendo assim, as técnicas de análise desta pesquisa são: a análise de conteúdos para os dados qualitativos e a análise estatística para os dados numéricos. Para a análise do conteúdo das respostas fornecidas por cada respondente e sua posterior interpretação, fez-se o seguinte tratamento dos dados: i) Transcrição e organização de todas as respostas das perguntas dos inquéritos; ii) Agrupamento ou classificação dessas respostas mediante o estabelecimento de relações entre si; e iii) Codificação e categorização dos agrupamentos de dados.

A codificação e a categorização de dados, segundo Nadeem e Khalid (2018), permite uma leitura coerente sobre os mesmos, pois, são organizados segundo os atributos, a semântica, a divergência ou convergência, a tendência, a regularidade e a possibilidade de generalização. Assim, a apresentação de trechos de questionário obedece aos seguintes códigos para a identificação dos inqueridos: E1, E2, E3, etc. com o seguinte significado: E=estudante.

Quanto aos dados quantitativos, estes foram manipulados no programa *Excel 2016*, onde foram produzidos gráficos, não só, como também os cálculos percentuais. A escolha do programa *Excel 2016* para a manipulação dos dados deve-se à acessibilidade e ao domínio por parte da autora, visto que pôde aperfeiçoar mais durante a formação, nas aulas da disciplina de Estatística.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo analisa os dados sobre relações de género na escolha de cursos na UEM. Os dados analisados foram recolhidos com recurso ao questionário administrado aos estudantes da Faculdade de Ciências e da Faculdade de Letras e Ciências Sociais. O capítulo está organizado em seis subcapítulos, a saber: i) Perfil sociodemográfico dos estudantes dos cursos de ciências e ciências sociais na UEM; ii) Factores associados à escolha de curso; iii) Influência de familiares na escolha do curso que frequenta; iv) Nível de satisfação em relação ao curso; e v) Barreira na frequência da rapariga nos cursos de ciências e ciências sociais.

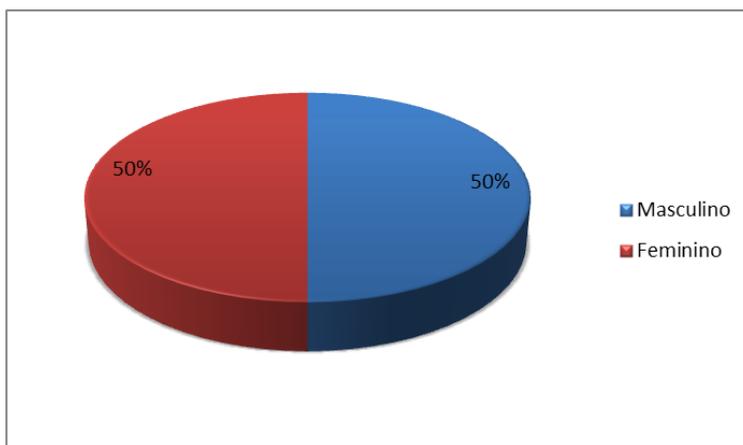
5.1. Perfil sociodemográfico dos estudantes dos cursos de ciências e ciências sociais na UEM

Neste subcapítulo iremos apresentar os resultados da pesquisa referentes ao perfil sociodemográfico dos estudantes dos cursos de ciências e de ciências sociais tendo em conta

os seguintes indicadores: sexo, faixa etária, estado civil, regime de estudo e período de estudo. Iremos prosseguir com a análise dos dados iniciando com o perfil dos estudantes.

O gráfico 1 apresenta dados sobre o sexo dos estudantes, permitindo saber qual o número de homens e de mulheres inqueridos. Como se pode observar, o gráfico 1 ilustra que 50% dos estudantes são do sexo masculino e os restantes 50% dos estudantes entrevistados são do sexo feminino.

Gráfico 1: Distribuição percentual de estudantes por sexo dos estudantes



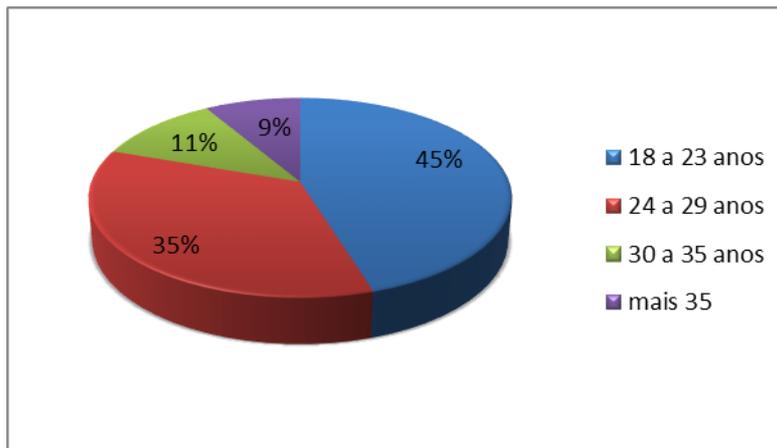
Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

A opção de inquirir igual número de homens e mulheres, prende-se com o facto de não querer estabelecer uma divisão sexual nas respostas, mas sim compreender de ambos as relações de género nas escolhas de cursos. O outro motivo é o facto de a escolha profissional constituir um direito de todos os seres humanos, devido ao carácter imutável dos direitos civis, culturais, económicos, políticos e sociais. Estes direitos humanos estão interligados e, como tal, não podem ser sujeitos à selectividade.

Alguns pensadores, como Pinto (2014) e Pereira e Favaro (2018), chamam a atenção para o facto de que, apesar de ter havido considerável avanço feminino na educação, ainda existe divisão sexual por áreas do conhecimento, a qual segrega as mulheres em áreas de menor valor socioeconómico.

No que se refere à idade dos estudantes, pode-se verificar no gráfico 2, que a maior parte (45%) dos estudantes inqueridos estão na faixa etária dos 18 a 23 anos de idade, 35% dos estudantes são estudantes dos 24 a 29 anos de idade, 11% de estudantes estão na faixa etária que compreende os 30 a 35 anos de idade e os restantes 9% dos estudantes representam os que têm mais de 35 anos de idade.

Gráfico 2: Distribuição percentual de estudantes por faixa etária



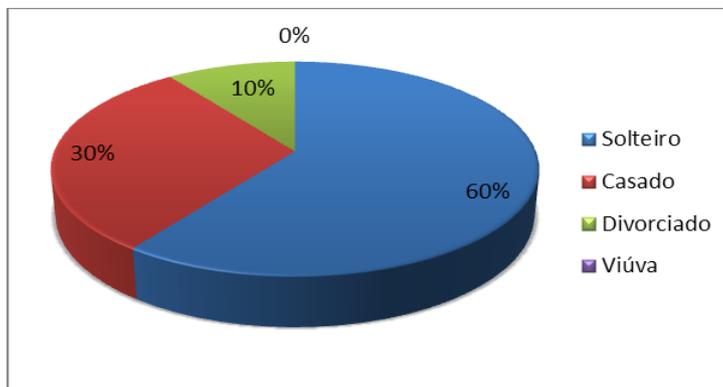
Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Estes dados explicam o facto de os estudantes estarem na faixa etária dos 18-29 anos, que inclui a idade universitária (definida como idade adulta emergente), onde os estudantes fazem algumas escolhas críticas que eventualmente moldariam a sua vida (SOYLU et al., 2021). Para estes autores, os planos e preferências de profissão desempenham um papel importante nas escolhas dos estudantes.

Neste contexto, a vida profissional dos adultos emergentes consiste na conclusão da formação profissional e, finalmente, na tomada de uma decisão relacionada com a profissão que esteja alinhada com os seus objectivos.

Relativamente ao estado civil dos estudantes, 60% dos estudantes são solteiros, constituindo desse modo a maioria; 30% dos inquiridos são casados e 10% dos estudantes são divorciados (como mostra o gráfico 3).

Gráfico 3: Distribuição percentual de estudantes por estado civil dos estudantes



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

O estado civil dos estudantes contribui para as diferenças de escolha profissional entre homens e mulheres. Segundo Thangei e Doris (2011), as mulheres casadas são forçadas a fazer sacrifícios com impacto na sua vida pessoal e social para prosseguirem os seus estudos. Em contrapartida, com relação às mulheres solteiras, as suas escolhas do curso a seguir na universidade impacta menos na vida pessoal e menos na vida social.

No que tange ao perfil dos estudantes que compõem a amostra, o gráfico 4 mostra que a maioria 99% dos estudantes estão no regime presencial, e apenas 1% dos estudantes estão no regime de ensino a distância. No que concerne ao período de estudo, 94% dos estudantes estão no período laboral e 6% dos estudantes no período pós-laboral (Gráfico 5).

Gráfico 4: Regime de estudo

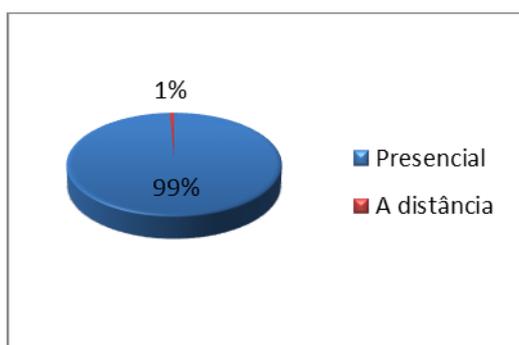
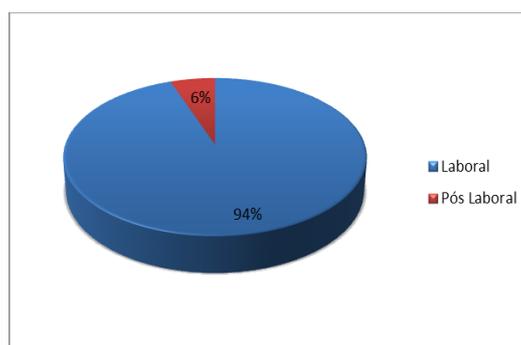


Gráfico 5: Período de estudo



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

A existência de maior número de mulheres no período laboral, deve-se ao tipo de actividades que desempenham na arena doméstica, que tende a exigir a presença constante da mulher em casa.

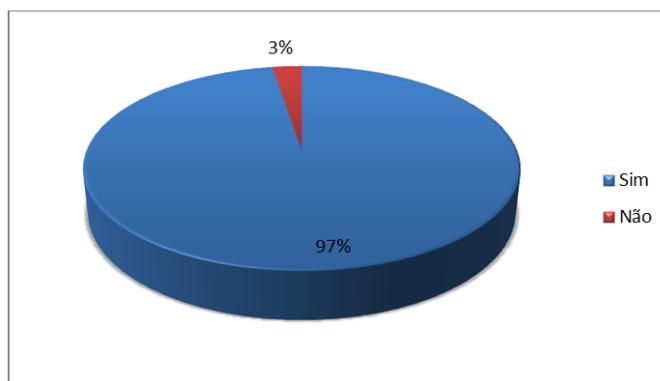
Em suma, neste subcapítulo foi possível perceber que a maior parte dos estudantes inqueridos nesta pesquisa estão abaixo de 30 anos de idade, são solteiros, e quase todos frequentam seus cursos no regime presencial, no período laboral. Pelo censo comum, este perfil é típico de estudantes universitários sem responsabilidade acrescida (cuidar do lar), isto é, jovens virados apenas aos estudos.

5.2. Factores associados à escolha de curso

Neste subcapítulo discutem-se os factores determinantes da escolha académica, como uma dimensão que se reproduz num único grupo de indicadores, "factores associados à escolha de curso", que inclui como variáveis: primeiro curso de frequência, escolha segura do curso de frequência, mudança da escolha de curso se pudesse, pretensão de fazer um curso para elevar o grau após frequência, conhecimento sobre o curso e motivação para a escolha.

Analisando a resposta sobre factores associados à escolha do curso, verifica-se que as respostas são dispersas. Quando questionados "se o curso de frequência era a primeira escolha", as respostas dos estudantes, patentes no gráfico 6, ilustram que 95% dos estudantes estão a frequentar o curso que elegeram como a primeira opção, enquanto, 3% dos estudantes não estão a frequentar o curso que fizeram como a primeira escolha.

Gráfico 6: Primeiro curso de frequência

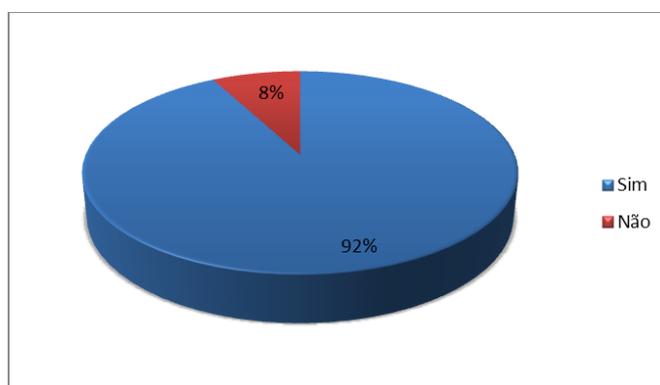


Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Quanto ao conhecimento prévio sobre as vantagens e desvantagens do curso que frequentam, todos os estudantes responderam que já tinham conhecimento sobre as vantagens e desvantagens do curso. Os inquiridos deixaram claro que não consideram o seu género e possibilidade de integração académica e profissional quando decidiram pelo curso, respondendo desse modo “sim” e “não” em 100% nas perguntas B2 e B3 (*Quando decidi fazer o curso de frequência, estava informado acerca das vantagens do curso? Considerou o seu género e a sua possibilidade de integração académica e profissional quando decidiu pelo curso?*), respectivamente (anexo).

Ao se questionar aos estudantes se o sexo teria influenciado a escolha de curso, todos responderam que não. E, apesar de todos os estudantes terem respondido “sim” quando se lhes perguntou se estavam informados acerca das vantagens do curso que escolheram, quando decidiram fazer os seus cursos de frequência, 8% dos estudantes não consideram segura a escolha do curso de frequência (Gráfico 7).

Gráfico 7: Escolha segura do curso de frequência



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Durante uma conversa com alguns estudantes que consideram insegura a sua escolha de curso de frequência, E213 por exemplo, disse: “Durante as aulas eu tinha que levar muito tempo a pesquisar em bibliotecas, fazer estudos em grupo e às vezes participar em conferências. Isso me colocava longe das responsabilidades (maternidade) que cedo adquiri.”

Por seu turno, E99, E101, E102, afirmaram: “Este curso exige maior investimento e muito tempo de pesquisa, mas eu não tenho tanto tempo e dinheiro para investir nos estudos.” Abdul também mostrou que o estudante do sexo masculino percebe o tempo na universidade como tendo influência na vida quotidiana de ambos.

Estas duas percepções sublinham a existência de insegurança na escolha de frequência do curso baseada nas relações de género, mas também, nas responsabilidades que cada candidato possui na sua vida social e financeira. As condições financeiras constituem um grande obstáculo para os estudantes moçambicanos, na medida em que a maior parte da população encontra-se em situação de pobreza.

Ademais, um outro grupo de estudantes respondeu: “A escolha do curso de frequência não é segura, pois era antes de termos maturidade académica e profissional, e sofriamos pressão para fazer ensino superior por parte dos colegas da secundária e amigos.”

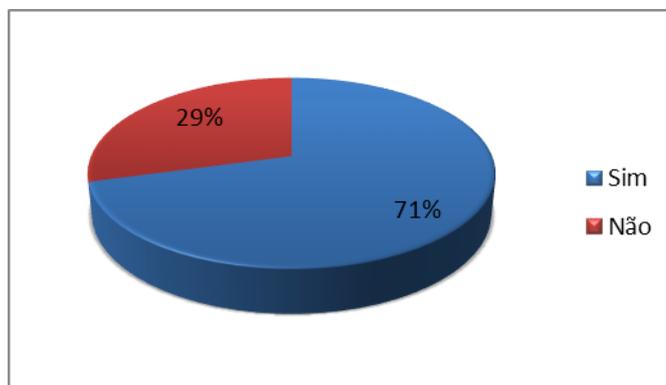
Este excerto justifica-se pelo facto de que, na adolescência, que é um período caracterizado por vivências relativamente desprovidas de responsabilidades, por causa da própria fase de adolescência, os adolescentes sofrem pressões em relação a escolhas para as quais podem não estar preparados. A definição do projecto profissional, que normalmente ocorre por volta dos 16 anos de idade, revela-se um momento de expectativas e dúvidas em relação ao futuro.

Os estudantes consideraram o curso de frequência como escolha segura pois demonstram expectativas a partir da necessidade de ter um emprego que os remunere, de modo a adquirirem um status social. Estes apresentaram uma visão superficial da carreira, pois parecem não avaliar a diversidade de factores envolvidos na escolha de uma profissão.

Quando se perguntou aos estudantes se desejavam frequentar outro curso fora do corrente, 71% responderam que teriam escolhido outro curso, se pudessem. Estes apontaram para os cursos de engenharias, medicina e agronomia como cursos que frequentariam se tivessem a possibilidade, e vão além ao responder que “as possíveis mudanças de curso não estão relacionadas com o género, mas sim com acessibilidade de ingresso à universidade, visto que esses são bastante concorridos.”

Em contrapartida, 29% dos estudantes afirmaram que escolheram o curso certo, isto é, não mudariam o curso de frequência.

Gráfico 8: Teria escolhido outro curso se pudesse



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Com os resultados apresentados no gráfico 8, pode-se aferir que se está diante de uma certa discriminação, um evento permanente na sociedade, onde apesar do aumento da presença da mulher no ensino superior nas últimas décadas, ainda predomina a existência de cursos associados ao sexo feminino. Esta discriminação não se caracteriza apenas pelo impedimento do acesso ao ensino superior, mas também pelo que ocorre no interior do sistema de ensino. Neste caso, estamos perante a discriminação que passou a ocorrer no processo de escolha das profissões, levando à formação de “guetos” profissionais (c.f. Pereira e Favaro 2018).

Ávila e Portes (2009) referem-se às possíveis escolhas feitas pelas mulheres como profissões consideradas tipicamente femininas. A explicação para tal processo pode ser obtida mediante a análise das condições de expansão do acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho pelas mulheres. Os autores referem que:

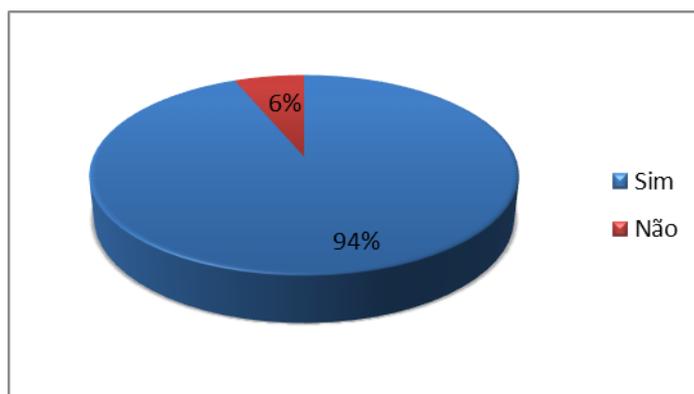
...as preferências quanto à escolha dos cursos foram se construindo ao longo do processo de escolarização dos sujeitos femininos e masculinos, dando origem a áreas demarcadas como mais ‘femininas’, como a área das ciências humanas e a maior parte dos cursos da saúde, ou mais ‘masculinas’, como aquelas das áreas das ciências exactas e carreiras tecnológicas (Ávila e Portes, 2009).

Durante uma entrevista, a representante do Ministério de Género e Acção Social afirmou: “A questão financeira por parte das mulheres tem constituído um obstáculo para a sua progressão nos estudos, o que chega a influenciar na escolha do curso.”

Deste modo, a escolha do curso por mulheres que ainda se encontram no mercado de trabalho é desfavorável, porque para além dos factores relacionados com a função da maternidade e a partilha desigual das tarefas domésticas, é devida igualmente aos papéis e valores que regulam as relações, ao peso da tradição e à inércia social, que ajudam a perpetuar situações discriminatórias.

Contudo, apesar de os estudantes terem respondido que escolheriam outro curso se pudessem, quando questionados se pretendiam fazer um curso para elevar o nível em que se encontram após a frequência do curso actual, o gráfico 9 mostra que 94% dos estudantes responderam afirmativamente, e apenas 6% dos estudantes responderam negativamente. O que significa que provavelmente estejam a adaptar-se ao curso que escolheram. Ademais, a pretensão de fazer um curso para elevar o nível em que se encontram, foi justificada pelo crescimento académico individual e não por relações de género.

Gráfico 9: Pretensão de fazer um curso para elevar o grau após de frequência



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

A não pretensão de fazer um curso para elevar o grau após o curso de frequência pelas mulheres prende-se, em algum momento, com o facto de estas já assumirem um papel social de cuidadoras. Desde a infância, as meninas são educadas para domínio de actividades ligadas à arena doméstica, como cuidar de casa, que se verifica quando brincam de casinha, de boneca, brincadeira esta voltada ao cuidado dos filhos, e são ensinadas a serem dóceis passivas e dependentes. Nesse sentido, a maioria das mulheres até à fase adulta carregam o espírito de cuidadoras, e tentam conciliar de todas as maneiras esta parte afectiva com o seu progresso académico profissional.

Para os homens, a não pretensão de fazer um curso para elevar o grau após o curso de frequência pode estar associada à necessidade de se inserir em novos projectos, visto que,

desde a infância, aos meninos é dada maior liberdade, podendo brincar na rua, em espaços abertos, em jogos mais agressivos, onde demonstram coragem, força e independência, sendo sua educação pouco focada aos cuidados com a casa e filhos.

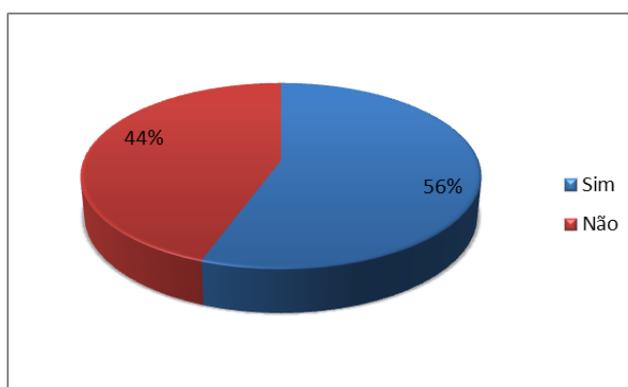
Em resumo, neste subcapítulo foi possível perceber que a maior parte dos estudantes entrevistados estão a frequentar a universidade pela primeira vez, e consideram segura a escolha do curso de frequência, tanto que afirmaram que pretendiam fazer um curso para elevar o grau após o término do curso de frequência, apesar de alguns dessa maioria afirmarem que teriam escolhido outro curso, se pudessem.

5.3. Influência de familiares na escolha do curso que os estudantes frequentam

Este subcapítulo irá apresentar a análise de dados da combinação de dados quantitativos e qualitativos em relação à percepção de algumas instituições e personalidades relativamente à influência de familiares na escolha do curso que os estudantes frequentam. Para tal, perguntou-se se os estudantes sentiram que terá havido influência de algum familiar para a escolha do curso.

Assim sendo, o gráfico 10 mostra que 56% dos estudantes afirmam que tiveram a influência da família, enquanto 44% dos estudantes revelaram não terem tido nenhuma influência da família na escolha do curso que frequentam.

Gráfico 10: Influência de algum familiar para a escolha do curso



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Na fundamentação dada em relação à pergunta, E22, E24, E25, E39, E40, E41, E43, E53 e E54, afirmaram: “A influência de familiares para a escolha do curso prende-se com o facto de a família ser responsável pela projecção dos seus membros no mercado de trabalho.” Neste

caso, a influência de familiares para a escolha de curso não está relacionada com questões de género, mas, sim, com a facilidade de inserção no mercado de trabalho no final de curso.

Todavia, E76, E93, E196, E 210, E232, E235, E266, entre outros, referiram que: “A escolha do curso é baseada nas oportunidades de emprego que os familiares mais bem-sucedidos podem oferecer.” Nessa ordem de ideias, não é habitual encontrar homens ou mulheres formados nestes cursos, e a questão de género não chega a ser prioritária quando a família influencia os inqueridos nas escolhas do curso. Numa entrevista realizada a um académico de sexo masculino, este afirmou:

... a influência na escolha do curso tendo em conta as relações de género nas famílias moçambicanas está sendo ultrapassada, uma vez que, a maioria dos adolescentes e jovens actuais tem a particularidade de escolha. As miúdas conseguem divulgar a informação através de redes sociais e isso faz muita diferença.

Portanto, a fácil disponibilidade de meios de comunicação (canais radiofónicos, canais televisivos e redes sociais) tem desempenhado um papel relevante na difusão de informação sobre direitos humanos e empoderamento da mulher. Ainda a representante do Ministério de Género e Acção Social sublinhou:

... a escolha do curso aqui na cidade é influenciada pelas oportunidades de emprego que o candidato terá no futuro, pese embora aconteça o contrário nas zonas rurais, onde ainda existem estereótipos nas relações de género.

Deste modo, a não influência da família na escolha do curso justifica-se também pelo facto de os candidatos terem conhecimentos sobre os tipos de cursos existentes, e suas vantagens e desvantagens, dado que, a informação é sempre difundida em quase todos os órgãos de comunicação social.

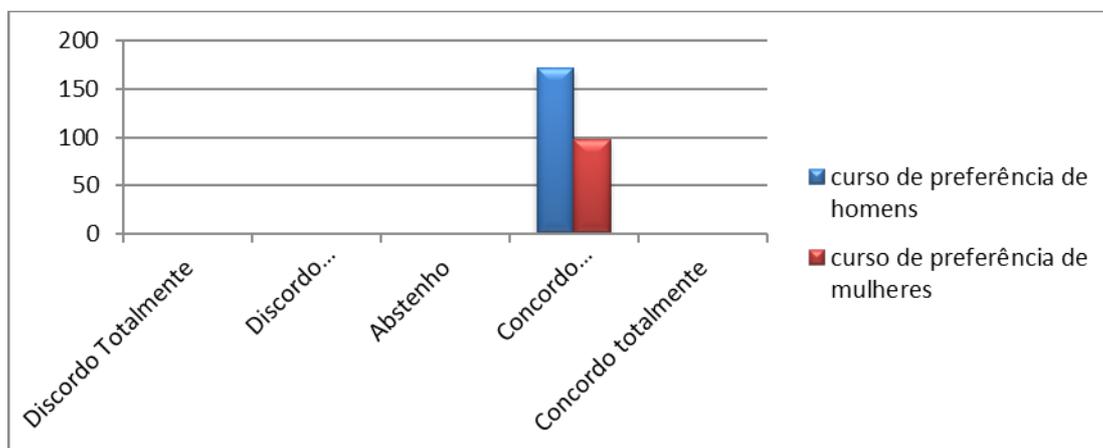
De referir que, todos os estudantes afirmaram que a escolha do curso de frequência não se baseou no seu ambiente social, nem conhecem pessoas que consideram que o curso que frequentam é opcional observando o seu género.

Um estudo realizado por Soyly et al. (2021) enfatiza que os indivíduos que seguem um caminho específico para o crescimento pessoal sem a necessidade de aprovação por parte de outros são propensos a desafiar os papéis tradicionais de género e a exibir atitudes mais igualitárias.

Portanto, uma das razões pelas quais o papel da família não é tão importante para os homens quanto para as mulheres na escolha do curso poderia ser o facto de que eles não atribuíram tanta importância aos seus desejos, necessidades e preferências ao escolher um determinado contexto familiar, como fizeram ao escolher seu curso porque seu papel familiar foi subjectivamente classificado por eles como menos importante do que seu papel académico.

Em relação à percepção que a sociedade e/ou a sua família tem sobre o seu curso, os estudantes referiram que o curso de frequência é preferência de homens ou mulheres. Neste sentido, o gráfico 11 mostra que 64% dos estudantes concordaram de forma parcial que o curso que estão a frequentar é de preferência dos homens, e 36% dos estudantes afirmaram que o curso que frequentam é o preferido para as mulheres.

Gráfico 11: Género na preferência do curso



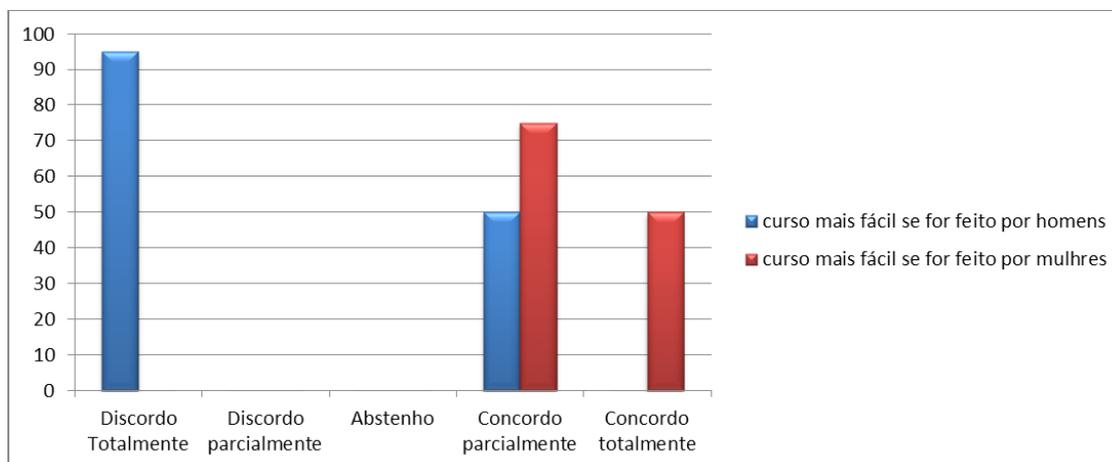
Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Os dados do gráfico 11 enfatizam que os candidatos não foram influenciados pelo género na preferência pelo curso. Desse modo, torna-se explícito que a escolha pelos cursos insere-se nas competências e qualificações humanas, que são de natureza universal e, como tal, não podem e nem devem ser consideradas características específicas de qualquer um dos sexos. Por seu turno, os aspectos socioculturais referidos, como: “mulher faz cursos fáceis” e “homem faz cursos difíceis”, aliados a uma orientação vocacional involuntariamente sexista, levam a uma segregação das profissões, que podem ser predominantemente masculinizadas e/ou feminizadas.

O gráfico 12 ilustra que 35% dos estudantes discordam totalmente que o curso que frequentam é um curso fácil se for cursado por homens. Em contraste, 25% dos estudantes concordam parcialmente que o curso que estão a frequentar é um curso fácil se for feito por

mulheres, e 20% dos estudantes concordam parcialmente e totalmente que o curso que estão a frequentar é um curso fácil se for cursado por homens e/ou mulheres, respectivamente.

Gráfico 12: Curso mais fácil se for feito por homens e/ou mulheres



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Com o intuito de tornar compreensível a sua resposta, E200 afirmou: “Não existe curso mais fácil se for feito por homem; nem existe curso fácil se for feito por mulheres, uma vez que, para fazer um determinado curso, só precisa estar preparado.” Sendo assim, compreende-se que as facilidades de fazer um determinado curso não se associam ao sexo do estudante ou a questões de género, mas sim às habilidades mentais e condições socioeconómicas, pese embora existam ainda na sociedade atitudes que fragilizam a auto-estima feminina ao fazer um dado curso.

Numa outra entrevista, uma estudante, que denominamos E96, referiu:

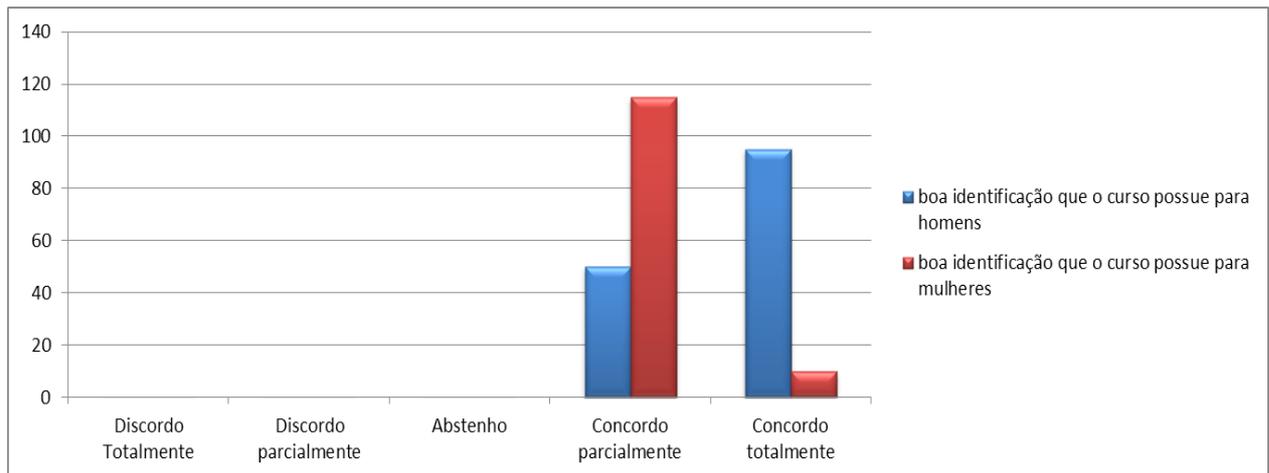
... todos os cursos são factíveis por ambos os sexos. Porém, torna-se difícil as mulheres frequentarem o ensino superior quando tiverem filhos na adolescência, visto que estas têm maior responsabilidade e baixa maturidade.

A falta de maturidade na adolescência, que faz com que as raparigas não estejam preparadas para adiar as relações sexuais e, conseqüentemente, evitar a gravidez, não as coloca em condições de entrar no ensino superior (PEREIRA e FAVARO, 2018).

Estas percepções deixam claro que há ruptura das barreiras de género na escolha profissional, o que significa que a feminização dos cursos é perpetuada pelas candidatas (jovens ou adultas) com maior responsabilidade familiar (cuidar de filhos, trabalho, lar, entre outros).

No referente à percepção sobre o sexo associado com o curso de frequência, o gráfico 13 ilustra que 43% dos estudantes concordam parcialmente e 4% dos estudantes concordaram na totalidade que o curso de frequência tem boa identificação para mulheres. Em contraste, 35% dos estudantes concordaram totalmente e os restantes 18% concordam parcialmente que o curso de frequência possui boa identificação para homens.

Gráfico 13: Sexo que se identifica com o curso de frequência



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Um estudo realizado por Chichongue (2015) revela que após ingresso na universidade, a estudante passa a perceber que, apesar das qualidades que seu curso tem, vai encontrar dificuldades, principalmente relacionadas ao género. Seus colegas de turma do sexo masculino raramente são seus amigos, e nesse momento ela se vê sozinha em uma turma cheia de estudantes, mas que são apenas colegas de faculdade.

De acordo com a E87, E88, E89, E90, E100, E110, E111 e E11,3 durante o curso tem havido comentários pouco sensíveis feitos quando somente a estudante tirar uma nota excelente: “Provavelmente o professor a ajudou porque ela é uma mulher bonita e não porque foi capaz de estudar e atingir aquela nota.” Contudo, as respostas patentes no gráfico 13 dão a entender que as barreiras relacionadas com o género no ensino superior estão a ser aos poucos ultrapassadas.

De realçar que, a localização de Moçambique na região da África Austral, que se tornou a sub-região mais urbanizada do continente, contribui para a quebra de alguns estereótipos relacionados ao género, com quase 45% da população a viver em pequenas e grandes cidades, o que exerce influência na crescente modernização e urbanização, levando para as cidades centenas de milhares de mulheres, homens e crianças à procura de condições básicas de vida.

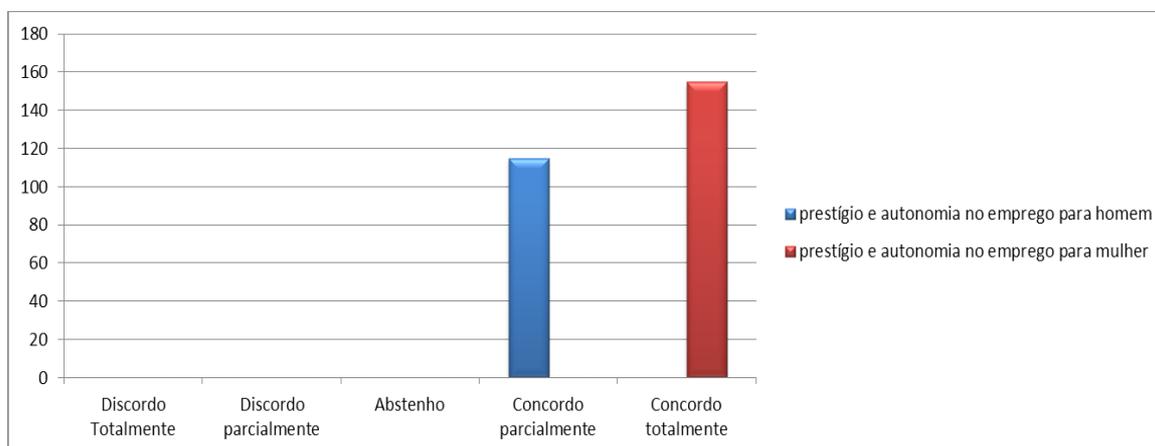
Em resumo, neste subcapítulo, observou-se que a influência da família na escolha do curso nem sempre está associada às relações de género. Por outro lado, verificou-se que a preferência do curso não está associada ao género, tanto que, para os estudantes, não há curso fácil se for feito por mulheres ou homens, sendo que não existem cursos que se identificam com o sexo.

5.4. Nível de satisfação em relação ao curso

De forma a identificar o nível de satisfação dos estudantes em relação ao curso que fizeram, teve-se como ponto de partida a componente prestígio e autonomia no emprego e expectativas em relação ao mercado de trabalho.

Os dados do gráfico 14 ilustram que 57% dos estudantes concordam na totalidade que o curso escolhido proporciona maior prestígio e autonomia no emprego para as mulheres, e 43% dos estudantes concordam parcialmente que o curso escolhido proporciona maior prestígio e autonomia no emprego para os homens.

Gráfico 14: Prestígio e autonomia no emprego

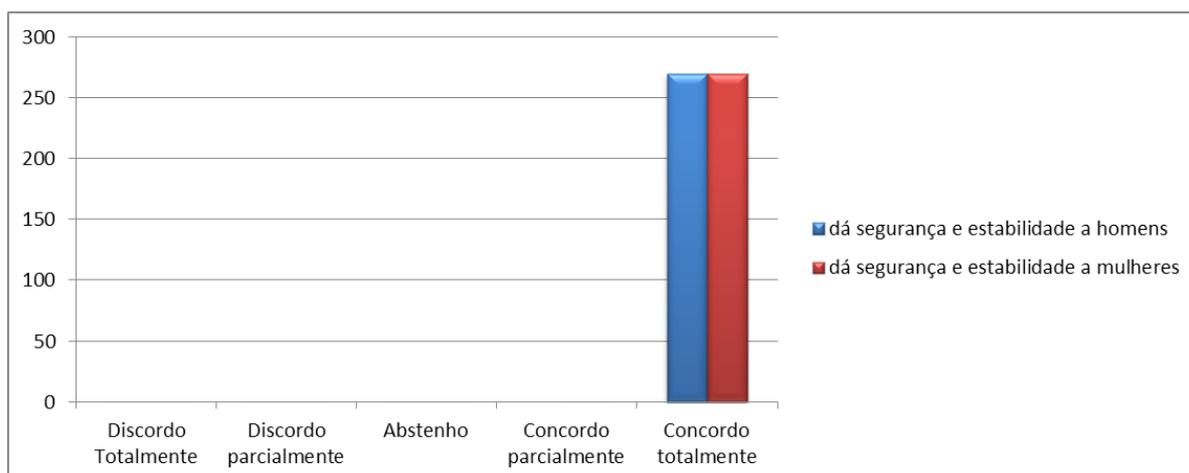


Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

A grande maioria dos estudantes afirmam que o curso escolhido proporciona prestígio e autonomia no emprego para as mulheres, o que pode estar associado ao facto de, na UEM, os cursos de ciências naturais e sociais serem vistos pelos estudantes como cursos acessíveis sob o ponto de vista de aproveitamento e ocupação temporal em relação a cursos como de engenharia, arquitectura, entre outros (CHICHONGUE, 2015).

Porém, todos os estudantes percebem os seus cursos de frequência como uma opção sólida que dá segurança e estabilidade profissional aos homens bem como às mulheres (gráfico 15).

Gráfico 15: Opção sólida que dá segurança e estabilidade profissional



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Este ponto de vista contrapõe-se ao de Alves (2018), ao destacar que, à medida que a mulher entra no mercado de trabalho, seus colegas de faculdade passarão a ser seus concorrentes. Neste momento o preconceito de gênero atinge seu ápice, pois muitas vezes seu conhecimento será colocado à prova por ser uma jovem com aparência de fragilidade e indefesa, ou até mesmo sofrerá assédio moral.

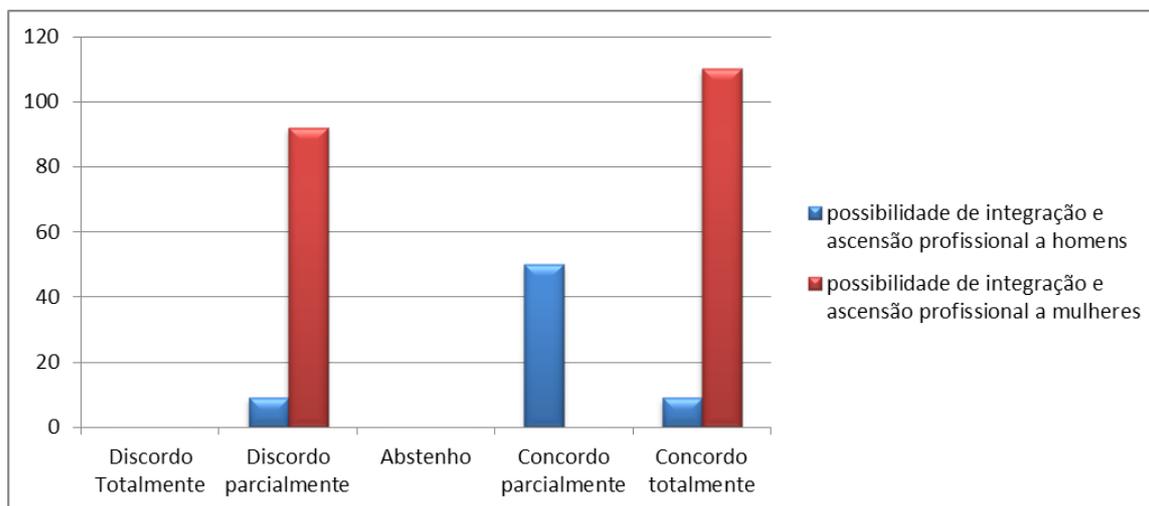
Estudos realizados por (AGY, 2015; NADEEM e KHALID, 2018) revelam que, entre outros, as mulheres formadas nos cursos considerados de homens normalmente exercem profissões como o ensino superior ou ainda em áreas afins, evitando a actuação técnica onde a grande maioria ainda são homens.

Todavia, as respostas patentes nos gráficos 14 e 15 mostram que estaríamos frente a um movimento de mão dupla. Por um lado, a feminização da escolha profissional significa a quebra de valores que tendem a discriminar as mulheres nos cursos predominantemente masculinos. Por outro lado, não se pode deixar de considerar que as mulheres que optam pela profissão de ciências naturais e ciências sociais terão que enfrentar, em maior ou menor grau, os padrões de gênero aceites no interior das famílias, das escolas e do mundo do trabalho.

Também foi perguntado aos estudantes se as habilidades técnicas do curso de frequência conferem maior possibilidade de integração e ascensão profissional a homens ou mulheres. Neste sentido, o gráfico 16 mostra que 44% dos estudantes concordam totalmente que as habilidades técnicas do curso de frequência conferem maior possibilidade de integração e ascensão profissional a mulheres e homens, respectivamente; 18,5% dos estudantes concordam parcialmente que as habilidades técnicas do curso de frequência conferem maior

possibilidade de integração e ascensão profissional aos homens. Em contraste, 34% e 3,5% dos estudantes discordam parcialmente que as habilidades técnicas do curso de frequência conferem maior possibilidade de integração e ascensão profissional a mulheres e homens, respectivamente.

Gráfico 16: Possibilidade de integração e ascensão profissional



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017

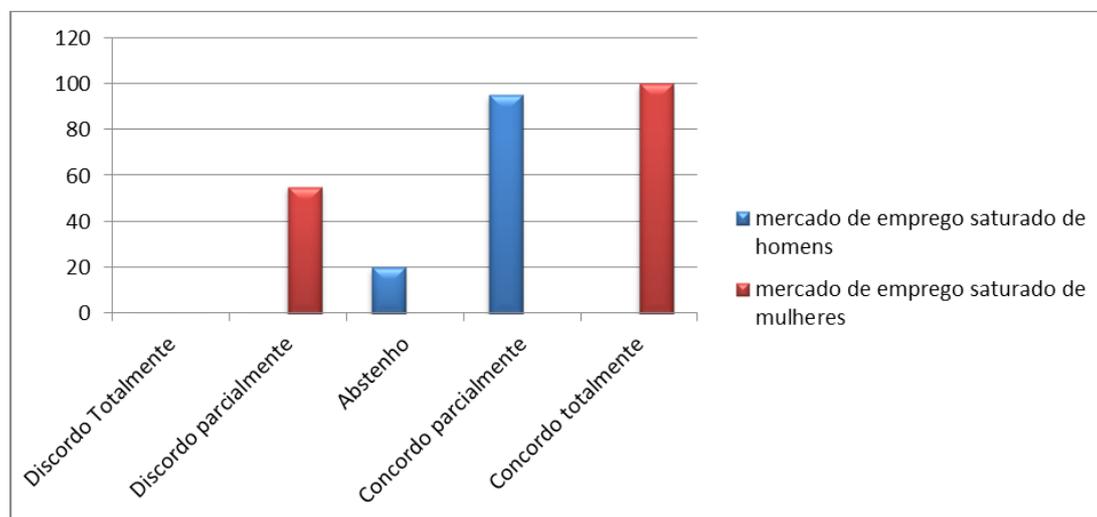
Tendo como base as respostas dadas pelos estudantes, no que concerne ao prestígio e autonomia no emprego, opção sólida que dá segurança e estabilidade profissional e a possibilidade de integração e ascensão profissional, pode-se afirmar que estamos perante uma igualdade de género no acesso à educação e ao emprego.

Tal resulta do facto de que os países em desenvolvimento com elevados níveis de igualdade de género tendem a apresentar taxas de pobreza mais baixas (capítulo 2); uma elevada igualdade de género em áreas como educação e acesso ao emprego reduz a probabilidade de os agregados familiares serem pobres; e a participação da força laboral feminina desempenha um papel-chave amortecendo nos agregados familiares o impacto dos choques macroeconómicos e mantendo-os fora dos estereótipos.

No que se refere às expectativas de entrada no mercado de trabalho, todos os estudantes optaram por não responder se a área que escolheram tem grande oferta de emprego para homens ou mulheres. Contudo, quando se perguntou aos estudantes se “o mercado de emprego não está saturado de homens ou mulheres nessa profissão”, o gráfico 17 mostra: 37% dos estudantes concordam totalmente que o mercado de emprego não está saturado de mulheres nessa profissão; 35% dos estudantes concordam parcialmente que o mercado de

emprego não está saturado de homens nessa profissão; 9,5% não deram a sua opinião; e por último, 18,5% discordam parcialmente que o mercado de emprego não está saturado de mulheres nessa profissão.

Gráfico 16: Saturação do mercado de trabalho



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017

Os estudantes concordam que o mercado de emprego está saturado de mulheres, como resultado da promoção da mulher no mercado de trabalho. Em relação a este tópico, E203 afirmou: *“Todas as vezes que há concurso ou vagas de emprego, as mulheres são consideradas favoráveis visto que o governo tende a cumprir com a agenda das Nações Unidas.”* Isso implica que a mulher deve estar capacitada para ocupar essas vagas que fazem parte de uma cadeia de emprego internacional.

Contudo, houve estudantes que reponderam que o mercado de trabalho está saturado de homens, como E50, que referiu que: *“Apesar de haver maior promoção da mulher no mercado de trabalho, a maioria delas não se encontram preparadas, visto que no fim do curso elas optam por profissões que lhes dão tempo de cuidar da família.”* Deste modo, nota-se que a ideia de perpetuar o espaço da mulher apenas na arena doméstica parece prevalecer.

Apesar das respostas patentes no gráfico 16, os estudantes da amostra abstiveram-se de responder se o curso que frequentam é uma área “fértil” para empreender, tratando-se de homens ou mulheres.

Um estudo realizado por Álvaro (2018) refere que numa situação de livre mercado, tirando casos isolados (muitas vezes determinadas pela necessidade de lucro), a preocupação dos

investidores é obter mão-de-obra qualificada, de baixo custo, com possibilidades de incremento dos lucros, e não propriamente de participar em políticas humanitárias.

Neste sentido, o sistema deve prover-se de planificadores qualificados, que desenvolvam estudos de viabilidade de mercado e que tenham capacidade de desenvolver acções de formação prioritárias, de modo a que os candidatos tenham elevadas possibilidades de integração (Idem).

Do mesmo modo que a educação é uma responsabilidade social, e sobretudo do Governo, a abertura de novas frentes de emprego e de auto-emprego torna-se relevante para o Estado, que deve incentivar a valorização da formação na área das ciências naturais e ciências sociais. Portanto, não se trata de desenvolver acções isoladas, mas de uma política global. Não é possível falar de formação na área das engenharias sem perspectivas de emprego.

Todavia, os níveis de satisfação dos estudantes pelo curso são elevados, o que pode demonstrar um grande nível motivacional. Contudo, levantam-se algumas questões, a saber, se existe uma correlação directa entre esses níveis de satisfação e o sucesso académico, quer dizer, será que os estudantes com maior índice de satisfação são, paralelamente, estudantes com elevados índices de aproveitamento académico? Teoricamente, entre as duas variáveis, parece haver uma correlação positiva, isto é, quanto maior é o nível do desempenho académico, maior é o nível de satisfação.

Além disso, embora as mulheres e homens tendam a experimentar os mesmos níveis de conflito na formação académica-família, parece que as mulheres têm vantagens do que os homens, porque o seu papel na família é mais importante para elas do que o seu papel de formação, em comparação com os homens, para quem os papéis na família são menos salientes do que os de trabalho.

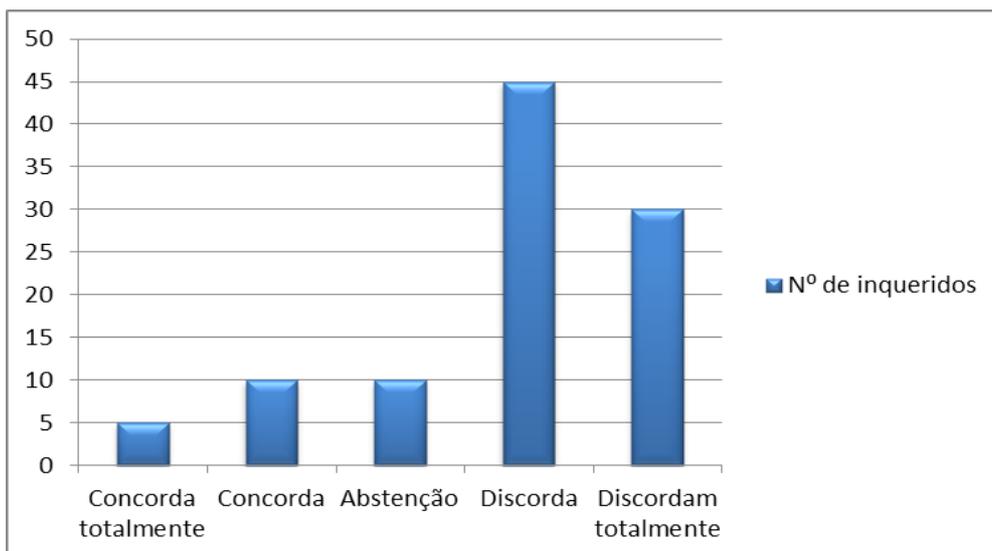
Em resumo, este subcapítulo analisou os níveis de satisfação dos estudantes em relação ao curso de frequência. Para a grande maioria dos estudantes, o curso de frequência garante prestígio e autonomia no emprego, dado que a escolha do curso é uma opção sólida que dá segurança e estabilidade profissional, possibilitando a integração e ascensão profissional de ambos os sexos.

5.5. Barreiras à frequência da rapariga nos cursos de ciências e ciências sociais

Para o desenvolvimento deste tópico, teve-se como variáveis o fraco domínio das ciências por mulheres, a influência das brincadeiras diferenciadas em termos de sexo na infância, a influência das imagens apresentadas nos livros sobre as profissões nas classes iniciais e a influência da pouca representatividade feminina nas profissões de ciências naturais e ciências sociais na escolha do curso.

Na variável em que se questionava se as mulheres apresentam fraco domínio nas ciências naturais e ciências sociais, o gráfico 17 mostra que 5% dos estudantes concordam totalmente que as mulheres apresentam fraco domínio nas ciências naturais e ciências sociais; 10% dos estudantes apenas concordam que as mulheres apresentam fraco domínio nas ciências naturais e ciências sociais; 10% dos estudantes não deram as suas opiniões a respeito da questão. Em contrapartida, 45% dos estudantes afirmam discordar que as mulheres apresentam fraco domínio nas ciências naturais e ciências sociais, 30% dos estudantes discordam totalmente que as mulheres apresentam fraco domínio nas ciências naturais e ciências sociais.

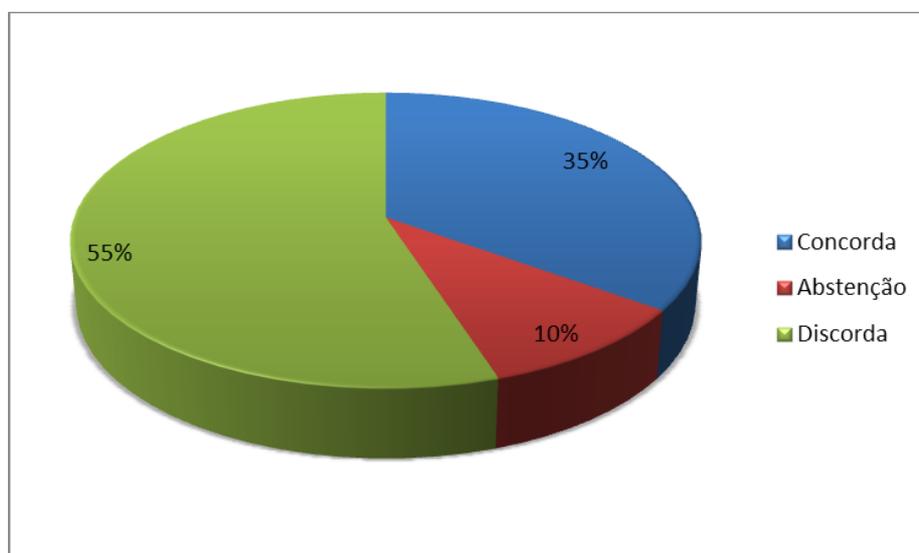
Gráfico 17: Mulheres com fraco domínio nas ciências e ciências sociais



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017

Quanto à influência das brincadeiras diferenciadas em termos de sexo na infância, 35% dos estudantes concordaram que as brincadeiras na infância exercem de certa forma uma influência significativa na escolha do curso; 10% dos estudantes não deram nenhuma opinião sobre o tópico; e 55% dos estudantes revelaram que discordam que as brincadeiras na infância possam exercer influências na escolha dos cursos de ciências e ciências sociais.

Gráfico 18: Influência das brincadeiras de infância na escolha de curso de ciências e ciências sociais



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

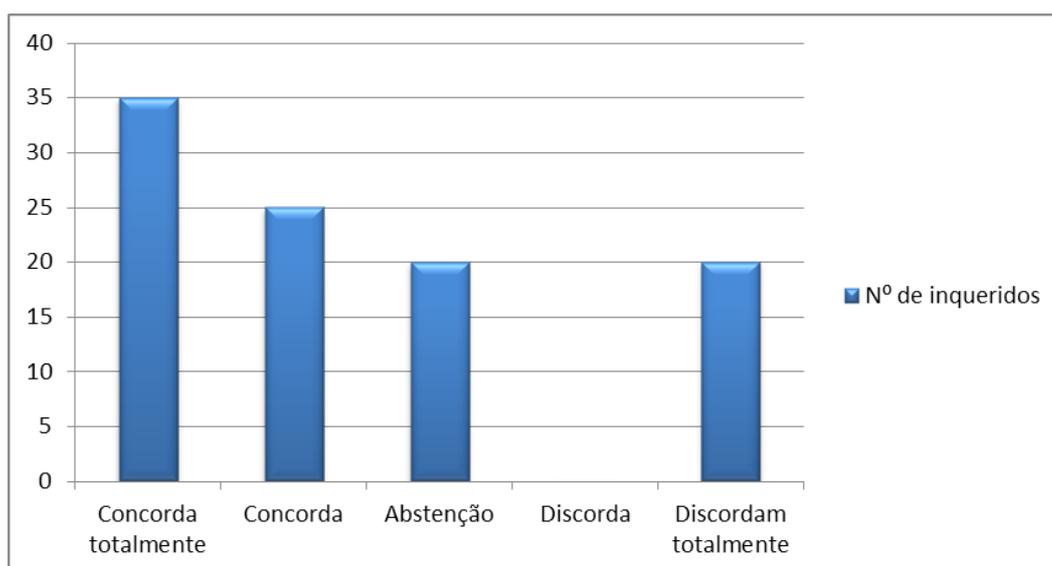
Considerando o exposto no gráfico 18, há um aspecto que se relaciona com a influência da família e da escola na escolha dos cursos a frequentar. Estes dois agentes de socialização, devem reflectir-se nas mudanças das suas concepções educacionais para melhor integração das temáticas de género no quotidiano das crianças evitando, porém, os desequilíbrios que

possam resultar das lições aprendidas de ambos; que, de facto, possam prejudicar a tendência de igualdade de género na educação.

Com isto pretende-se dizer que existe a necessidade de mudança de concepções do ponto de vista da sociedade, que ultrapassam o âmbito dos seminários sobre assuntos de género, e que esta política do aumento do efectivo feminino nos cursos de ciências naturais e ciências sociais deve estar ligado à própria política do governo de combate à pobreza e promoção do desenvolvimento, criando-se a noção de que a formação da mulher em qualquer área é importante para o desenvolvimento sustentável da família, e para a promoção da educação das futuras gerações.

No que diz respeito ao material didáctico sobre as profissões em que se pretendia saber se as imagens apresentadas nos livros sobre as profissões nas classes iniciais podem influir na escolha dos cursos, o gráfico 19 mostra que 35% dos estudantes afirmaram que concordam totalmente ter havido uma relação de influência na escolha dos cursos; sendo que 25% dos estudantes revelaram que concordam que as imagens apresentadas nos livros sobre as profissões nas classes iniciais influenciam a escolha dos cursos; 20% dos estudantes não deram as suas opiniões a respeito da questão; e os outros 20% dos estudantes discordaram totalmente que as imagens apresentadas nos livros sobre as profissões nas classes iniciais os tenham influenciado na escolha dos cursos.

Gráfico 19: Influência das imagens apresentadas nos livros sobre as profissões nas classes iniciais



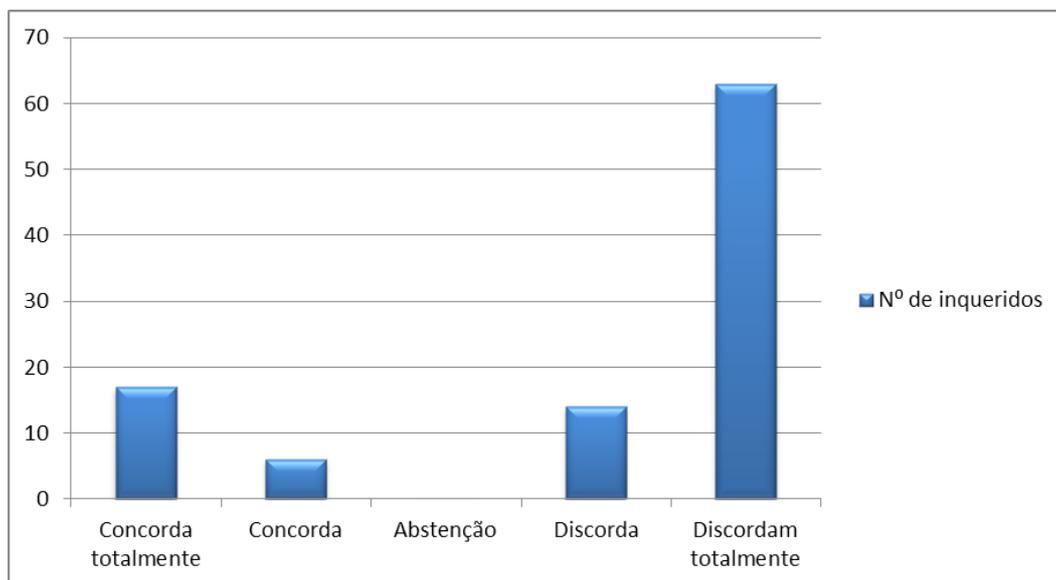
Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017.

Ao tomar em conta os gráficos 18 e 19, torna-se necessária a provocação de mudanças nas concepções educativas, uma vez que os materiais didáticos e as brincadeiras de infância não tiveram um papel relevante para influenciar os estudantes na escolha do curso.

Uma análise realizada por Chichongue (2016) revela que a política educativa sobre o ensino profissional demonstra que este aspecto é descurado, colocando de lado as acções interventivas no âmbito de exortações e aconselhamentos e, como resultado desse facto, fixam-se objectivos gerais e que em algumas situações não vão de acordo com as especificidades que se vivem.

De acordo com o gráfico 20, em que se pretendia saber se a pouca representatividade feminina nas profissões de ciências naturais e ciências sociais pode ou não causar pouca influência na escolha nesses cursos, 18% dos estudantes do sexo feminino referiram que concordam totalmente que esta variável possa ter influência; 6% dos estudantes apenas concordam que esta variável possa ter influência; 0% dos estudantes não deu as suas opiniões; outros 14% dos estudantes afirmaram que discordam que esta variável possa ter influência; e ainda 62% dos estudantes discordam totalmente que esta variável os possa ter influenciado na escolha dos cursos de ciências naturais e ciências sociais.

Gráfico 20: Influência da pouca representatividade feminina nas profissões de ciências e ciências sociais na escolha do curso



Fonte: Inquérito aos candidatos aos cursos das ciências e ciências sociais da UEM em 2017

A pouca representatividade feminina nas profissões das ciências naturais e ciências sociais, talvez seja pela fraca mentoria de mulheres que já exerçam essas profissões no sentido de

sensibilizar estudantes, a partir das classes precedentes do ensino e ainda que talvez permaneçam como docentes nos cursos das engenharias para servir de modelos para atrair outras mulheres a seguir a profissão.

Um estudo realizado pelo MINED (2015) sugere que o sistema se encontra numa situação caótica que pode-se definir através do limitado acesso dos cidadãos aos cursos das ciências naturais e ciências sociais, pela baixa eficácia, baixa eficiência e fraca relevância dos cursos, o que conduz, como consequência, a uma inadequada resposta, qualitativa e quantitativamente, ao mercado actual em termos de género.

Em resumo, este subcapítulo discutiu as barreiras à frequência da rapariga nos cursos de ciências naturais e ciências sociais. O mesmo sublinhou que as barreiras não estão baseadas na influência das imagens apresentadas nos livros sobre as profissões nas classes iniciais e/ou na influência das brincadeiras de infância, mas sim no facto de as mulheres apresentarem um possível fraco domínio nessa área e terem pouca representatividade feminina nas profissões de ciências naturais e ciências sociais na escolha do curso.

6. CONCLUSÕES

Esta dissertação teve como objectivo analisar as relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos das ciências e das ciências sociais na UEM. A literatura revista indicou que há uma divisão sexual que impulsiona mulheres e homens para ocupações diferentes. Os resultados do estudo levam-nos a concluir quatro pontos:

Primeiro, a influência da família na escolha do curso nem sempre está associada às relações de género. Verificou-se, também, que a preferência do curso não está associada ao género, facto que levou os estudantes a não considerarem o curso como sendo fácil para mulheres ou homens. Assim, não existem cursos que se identificam com o sexo.

Segundo, os níveis de satisfação em relação ao curso de frequência são satisfatórios, dado que para a maioria dos estudantes, o curso de frequência garante prestígio e autonomia no emprego, uma vez que a escolha do curso foi opção sólida que garante estabilidade profissional, possibilitando a integração e ascensão profissional dos homens e das mulheres.

Terceiro, as barreiras à frequência da rapariga nos cursos de ciências e ciências sociais não estão baseadas na influência das imagens apresentadas nos livros sobre as profissões nas classes iniciais e/ou na influência das brincadeiras de infância. Foi possível constatar que, para os estudantes do sexo feminino nos cursos de ciências e ciências sociais, essas imagens não constituem barreiras à frequência, apesar do fraco domínio e representatividade nessas áreas no que se refere à escolha do curso.

Quarto, e o último ponto, os dados sobre a evolução de efectivo dos estudantes nos cursos de ciências e ciências sociais mostram que a maior parte dos candidatos são do sexo masculino, em contraste aos cursos de educação e cursos de comunicação e artes, onde o número dos candidatos do sexo masculino é inferior em relação aos do sexo feminino. Em conformidade com os dados da Direcção do Registo Académico da UEM (2015-2017), os índices de crescimento não chegam para cobrir o fosso de separação entre os dois grupos de efectivos. Sendo assim, a irresponsabilidade na adolescência e a fraca disponibilidade de recursos financeiros na família da rapariga foram apontados como obstáculos.

6.1. Recomendações

Apesar de as relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências e ciências sociais na UEM em 2017 mostrarem níveis de satisfação, se insistirmos na

questão da progressão dos estudos, ainda sobressairá o problema da distribuição de recursos. Num país de rendimento per capita baixo, constituída por famílias extensas, os problemas de trabalho infantil ou fraca possibilidade de progressão nos estudos tornam-se comuns.

Nesse sentido, esta dissertação recomenda:

- A aplicação de políticas que beneficiem as raparigas e os grupos desfavorecidos em geral deve ser seguida por um aumento das taxas de acesso ou das taxas de retenção. Contudo, deve haver uma relação entre o ensino básico e os níveis subsequentes. O aumento do acesso ao ensino básico das raparigas pode influenciar as taxas de admissão bruta dos níveis subsequentes e até dos cursos de ciências e ciências sociais (claro, este aumento deve ser equitativo do ponto de vista nacional).
- Há necessidade de repensar a política de género para o aumento dos efectivos escolares, pois os rapazes também precisam de ser educados, de saber o que representa casar-se, por exemplo, com uma mulher sem formação, o que significa uma gravidez prematura, o que significa família sustentável, qual é a relação entre famílias estáveis economicamente e o desenvolvimento sustentável do país. Que os núcleos de género nas escolas ou faculdades não se reduzam à sensibilização das raparigas ou de pais e encarregados de educação pelas raparigas somente. Que o problema da equidade de género seja visto como um problema global. Que não aconteça que a concorrência para o emprego seja numa situação desigual, o que não dignifica a rapariga, como se vê em alguns anúncios de emprego de preferência do sexo feminino. É preciso se repensar nas estratégias sérias sobre a promoção da equidade de género.
- Ademais, tendo em conta que os cursos das ciências e ciências sociais têm em vista a formação de competências que conduzem a uma ocupação profissional, os cursos oferecidos devem partir do conhecimento das necessidades, a curto, médio e longo prazos, sob o risco de cair no descrédito.
- Adicionado a isso, o Plano Operacional do Ensino Profissional, como já nos referimos, inclui também as engenharias, o que constitui um desafio na orientação e aconselhamento da rapariga. Portanto, as acções definidas neste domínio devem ser vistas não apenas do ponto de vista de incentivos e de exortações, mas, também, na

perspectiva de modernização do próprio ensino. Nesse sentido, são necessários técnicos para realizar estas acções e para avaliar o seu impacto.

Referências bibliográficas

Agy, A. (2017). *Desigualdades de Género em Contextos Rurais em Moçambique Estudos de Caso em Localidades na província de Nampula*. Maputo: IESE.

Almeida, A. (2013). *A Escolha Profissional e as Relações de Género: Percepções De Jovens Estudantes*. Seminário Internacional Fazendo Género. Florianópolis: Anais Electrónicos.

BM – Banco Mundial (2012). *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de Igualdade de Género e Desenvolvimento*. Disponível em: www.worldbank.org. (Acesso em 23 de Outubro de 2021).

Bolacha, N. (2013). *A Mulher Moçambicana na Ocupação de Cargos de Decisão: Um Estudo de Caso no Âmbito das Direcções Provinciais de Nampula*. (Doutoramento em Ciências de Educação). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia.

Chichongue, X. (2015). *A Escolha Académica nos Cursos de Engenharia da UEM na Perspectiva de Género e da Percepção Sobre seus Papéis Sociais*. (Mestrado em Administração e Gestão de Educação). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Educação.

Galisa, M. (2005). Género e Políticas de Educação: Impasses e Desafios. In Silveira M.L- *Educar para a igualdade: Género e Educação escolar*. São Paulo. Anais Electrónicos.

Gil, A. (2008). *Método e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Lakastos, E. & Marconi, M. (2010). *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.

Lima, F; Voig, A; Feijó, M; Camargo, M. & Cardoso, H. (2017). *A Influência da Construção de Papéis Sociais de Género na Escolha Profissional*. São Paulo: Atlas.

MEC (1999). *Movimento de Educação para Todos (MPET)*. Maputo: Movimento Educação para Todos.

Nadeem, F. & Khalid, R. (2018). The Relationship of Gender Role Attitudes with Career Aspirations and Career Choices among Young Adults. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 33 (2): 455-471.

Pakistan Bureau of Statistics. (2014). *Labor Force Statistics*. Casa de Estatísticas, PBS. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/32988842> (Acesso em: 23 de Outubro de 2021).

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2014). *Igualdade de Género na Administração Pública*. Disponível em <https://undp.unteamworks.org/login?destination=node/17098> (Acesso em: 23 de Outubro de 2021).

Relatório da ASDI (2007). *Um Perfil das Relações de Género*. Maputo: ASDI.

SADC – Comunidade de Desenvolvimento da África Austral. (2013). *Mulheres na Política e Posições de Tomada de Decisão*. Disponível em: www.sardc.net. (Acesso em 23 de Outubro de 2021).

SADC – Comunidade de Desenvolvimento da África Austral. (2016). *Acompanhando o Progresso da Implementação do Protocolo da SADC sobre o Género e Desenvolvimento*. Monitor do Género e Desenvolvimento da SADC. Disponível em: www.sardc.net. (Acesso em: 23 de Outubro de 2021).

Santos, A.; Canever, C. & Frotta, P. (2014). *A Influência do Género na Escolha Profissional de Pré-Vestibulandos: Estudo de Caso na Cidade de Criciúma/Sc*. XXXVIII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro: EnANPAD.

Silva, G. (2007). *Educação e Género em Moçambique*. Porto: Centro de Estudos Africanos: Universidade do Porto.

Souza, M. (2015). *Género e Escolha Profissional*. Brasília: Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu.

Thangei, M. & Doris, W. (2011). *Um Estudo das Diferenças de Género na Escolha de Carreira nas Empresas Estatais Quenianas*. (Mestrado em Administração de Empresas). Nairobi: Universidade de Nairobi, Escola de Negócios.

Tvedten, I.; Paulo, M. & Montserrat, G. (2013). *Políticas de Género e Feminização da Pobreza em Moçambique*. Bergen: CIM Relatório.

UA – União Africana (2009). *Estratégia da união africana para a igualdade de género & empoderamento da mulher (gewe) 2018-2028*.

Apêndice

Apêndice 1: INQUÉRITO

O presente estudo apresenta como objectivo de estudar as Relações de género nas escolhas profissionais dos candidatos aos cursos de ciências naturais e ciências sociais na UEM em 2017. É parte integrante da investigação para a culminação dos estudos do Curso de Mestrado em População e Desenvolvimento. As questões são apresentadas de forma clara e simples. A sua colaboração é de extrema importância para a concretização desta pesquisa.

SECÇÃO A-INFORMAÇÕES SOBRE O PERFIL DO SOCIODEMOGRÁFICO DOS ESTUDANTES

Assinale com “X” a cada uma as questões apresentadas em A1 e A3

A1 Sexo 01 () Masculino 02 () Feminino	A2 Idade _____, Anos
A3. Faculdade e Grau 3.1. Nome da Faculdade _____ 3.2. Grau _____	A4. Curso e ano de frequência 4.1 Curso _____ 4.2 Ano de frequência _____
A5. Período de estudo 5.1. Laboral _____ 5.2. Pós Laboral _____ 5.3 Período vespertino _____	A6. Regime de estudo 6.1 Presencial _____ 6.2 A distância _____

SECÇÃO B: FACTORES ASSOCIADOS A ESCOLHA DE CURSO

B1. É o primeiro curso de frequência?

1.1 Sim ____ 2.2 Não ____

B2. Quando decidiu fazer o curso de frequência estava informado acerca das vantagens do curso?

2.1 Sim ____ 2.2 Não ____

B3. Considerou o seu género e a sua possibilidade de integração académica e profissional quando decidiu pelo curso?

3.1 Sim ____ 3.2 Não ____

B4. Considera segura a escolha do curso de frequência?

4.1 Sim ____ 4.2 Não ____

B5. Teria escolhido outro curso se pudesse?

5.1 Sim ____ 5.2 Não ____

Caso tenha respondido “sim” na questão 5, por favor responda as questões abaixo:

Cite o nome do curso _____

Esta escolha esta relacionada com o seu género?

Sim ____ Não ____

B6. Tem a pretensão de fazer um curso para elevar o grau apôs o de frequência?

6.1 Sim ____ 6.2 Não ____

Caso tenha respondido “sim” na questão 6, por favor aponte o nome do curso:

Esta escolha esta relacionada com o seu género?

Sim ____ Não ____

SECÇÃO C: COMPARAÇÃO

I. INFLUÊNCIA SOCIAL E FAMILIAR

C1. Teve influência de algum familiar para a escolha do curso?

1.1 Sim ____ 1.2 Não ____

Caso tenha respondido “sim” na questão, por favor responda as questões abaixo:

É um hábito, costume ou tradição familiar ter homens formados neste curso?

Sim ____ Não ____

É um hábito, costume ou tradição familiar ter mulheres formadas neste curso?

Sim ____ Não ____

C2. Baseou-se no seu ciclo social para a escolha do curso?

1.1 Sim ____ 1.2 Não ____

Caso tenha respondido “sim” na questão 5, por favor responda as questões abaixo:

Conhece pessoas que consideram que o curso de frequência é mais opcional observando o seu género?

Sim ____ Não ____

Responda as seguintes questões, na seguinte escala: 1- Discordo totalmente; 2-Discordo parcialmente; 3-Não concordo nem discordo; 4- Concordo parcialmente; 5- Concordo Totalmente.

Como sente que a sociedade e/ou a sua família observa o seu curso quanto ao seu género?	1	2	3	4	5
É o curso de preferência de homens					
É o curso de preferência de mulheres					
É um curso mais fácil se for feito por homens					
É um curso mais fácil se for feito por mulheres					
Pela boa identificação que o curso possui para homens					
Pela boa identificação que o curso possui para mulheres					

II. PRESTÍGIO E SUCESSO PROFISSIONAL

Responda as seguintes questões, na seguinte escala: 1- Discordo totalmente; 2- Discordo parcialmente; 3-Não concordo nem discordo; 4- Concordo parcialmente; 5- Concordo Totalmente.

Escolheu o curso porque...	1	2	3	4	5
Proporciona maior prestígio e autonomia no emprego para homens					
Proporciona maior prestígio e autonomia no emprego para mulheres					
Profissionalmente é uma opção sólida que dá segurança e estabilidade a homens					
Profissionalmente é uma opção sólida que dá segurança e estabilidade a mulheres					
É um curso cujas habilidades técnicas conferem maior possibilidade de integração e ascensão profissional a homens					
É um curso cujas habilidades técnicas conferem maior integração e ascensão profissional a mulheres					

III. EXPECTATIVA DO MERCADO DE TRABALHO

Responda as seguintes questões, na seguinte escala: 1- Discordo totalmente; 2- Discordo parcialmente; 3-Não concordo nem discordo; 4- Concordo parcialmente; 5- Concordo Totalmente.

Escolheu o curso de frequência porque espera que ...	1	2	3	4	5
A área que escolheu tem grande oferta de emprego particularmente para homens					
A área que escolheu tem grande oferta de emprego particularmente para mulheres					
O mercado de emprego não está saturado de homens nessa profissão					
O mercado de emprego não está saturado de mulheres nessa profissão					
Porque é uma área muito “fértil” para empreender tratando-se de homens					
Porque é uma área muito “fértil” para empreender tratando-se de mulheres					

Muito Obrigada pela Colaboração

Apêndice 2: ENTREVISTA

1) Porque considera segura/insegura a sua escolha de curso de frequência? _____

2) Uma vez que as relações gênero foram ultrapassados na sua família, em que se baseou a influência da sua família na escolha de frequência? _____

3) Sendo todos cursos fazíveis por ambos sexos, o que contribui no desequilíbrio de número de estudantes por sexo nos cursos de ciências naturais e ciências sociais? ____

4) Porquê afirma que o mercado de emprego está saturado de mulheres? _____

5) Sendo as mulheres as mais privilegiadas nos concursos de emprego, o lhe levou a responder que o mercado de emprego esta saturado por homens? _____
